PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
27 Junho de 2012
Nº **77** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

ARTE // PÁG. 14

Hélder e Jeremias Bandarra no Porto

A PARTIR DE 6 DE JULHO

ARTE // PÁG. 15

XIV PORTOCARTOON NO MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

Até ao dia 31 de Dezembro

Grande Prémio, Alessandro Gatto, Itália, «La Scala»

«Ricos, pobres e indignados»

ESPECIAL // PÁGS. 4 e 5

II Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto

28 E 29 DE JUNHO

ESPECIAL // PÁGS. 18 E 19

Bordados de Viana à espera de cerficado e traje poderá ser de interesse mundial

TEATRO // PÁG. 21

Cecília Guimarães é a personalidade homenageada da 29.ª edição do Festival de Almada

EM NOTÍCIA // PÁG. 27

De 7 a 15 de Julho, Vila do Conde acolhe o 20.º Festival Internacional de Cinema

PUB

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 784 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 226 063 556
Telemóvel.: 918 035 678
E-mail.: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 784 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 226 063 556
Telemóvel.: 918 035 678
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 784 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef.: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís
António Vitorino d'Almeida | **António Joaquim Oliveira**
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | **Helder Pacheco**
José Atalaya | José Rodrigues
Levi Guerra | **Lídia Jorge**
Luisa Dacosta | Manoel de Oliveira
Mário Cláudio | **Miguel Veiga**
Óscar Lopes | Salvato Trigo
Urbano Tavares Rodrigues | **Isabel Ponce de Leão**

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | **António José Queiroz**
Armando Alves | Carlos Cabral Nunes
Carlos Vaz | **Cristino Cortes**
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa
Francisco d'Eulália
João Medina | Jorge Sanglard
J. Esteves Rei | **Lauro António**
Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim
Paulo Ferreira da Cunha | **Ramiro Teixeira**
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

PARCERIAS

Livraria Leilo

APOIOS

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

O Governo PSD/CDS completou um ano e claro está que os números considerados de "balanço" da acção governativa foram imediatamente ofuscados pelos números dos golos do Euro.

E isso, confesso, irritou-me substancialmente!

Por mais que tente compreender, continua a fugir ao meu entendimento as dezenas de páginas de jornais, os intermináveis programas "especiais" televisivos e radiofónicos dedicados ao debate altamente preocupante do estado de um relvado, as horas a fio de gritaria, repetida e incontrolada de apresentadores, de jornalistas, de comentadores, como se o futuro deste País dependesse dos pés de onze jogadores.

E não aceito os exageros dos gastos avultados de tempo e de dinheiro que o denominado audiovisual de serviço público teima em canalizar para os "futebóis", nacionais e internacionais.

Mas também continuo a não concordar que na RTP continuem a pagar a algumas pessoas salários de dezenas de milhar de euros, quando é imposto o corte de subsídios de férias e de Natal aos seus trabalhadores.

É a partir deste ano que os funcionários públicos deixam de receber os 13.º e 14.º meses. Até quando? Diz o Governo que será até 2015... Veremos.

O que não veremos é ser aceite a proposta de Miguel Cadilhe para taxar as grandes fortunas em 4% através de um imposto suplementar que, contas feitas, equivaleria a 2 anos de IRS.

Como não veremos ninguém a ser responsabilizado pelas centenas de milhões de euros que a famigerada Parque Escolar pagou por obras fictícias em escolas do nosso País.

O Tribunal de Contas, instituição que tem trabalhado de forma irrepreensível, apresentou um relatório sobre esta matéria, que é demolidor: só para uma única escola foram pagos 3 milhões de euros para obras que NUNCA FORAM FEITAS!

Pois, exige-se, em nome dos mais elementares valores democráticos – justiça incluída – que sejam apuradas responsabilidades. E rapidamente!

E façam favor de agir também sobre as "negociatas" das Scut's, das Parcerias Público Privadas, do BPN, do BPP, etc, etc., porque, meus senhores, é aqui que encontram quem atirou o País para o "lixo".

Os verdadeiros responsáveis têm milhões de euros em off shores, vivem "à grande e à francesa", continuam a ser presidentes e administradores de empresas e bancos e circulam nos meios políticos, económicos e financeiros como virgens intocáveis!

Se o Governo PSD/CDS quiser inverter a tendência negativa nas sondagens tem obrigatoriamente de ser corajoso e proceder à "desinfestação" do País!

A todos, boas leituras em artes feitas.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

Estatuto Editorial

"As Artes entre As Letras" é um jornal quinzenal que nasce em Maio de 2009 para florir entre debates de ideias, da História e do Património, das Artes Plásticas e da Arquitectura, da Música e da Ciência, da Filosofia e da Literatura, do Teatro e do Cinema, da Dança e da Fotografia, mas também da Lusofonia e do Ensino e Educação. São estes os nossos pilares, que assumimos sem preconceitos como jornal livre e independente.

Sem complexos haverá lugar para a opinião e para a crítica, no respeito pela liberdade de expressão, mas também pelos códigos da Ética e da Deontologia jornalísticas.

A Cultura é o nosso meio e o nosso fi m, privilegiando a informação que escasseia ou é inexistente na imprensa portuguesa.

Propomo-nos contribuir para o desenvolvimento cultural do nosso País através da palavra escrita e da imagem impressa.

Somos um projecto jornalístico cultural mas também cívico, na convicção de que Cultura e Cidadania devem caminhar a par.

Faremos do passado o nosso futuro, num exercício permanente de criatividade e de inovação sem perder o vínculo às nossas raízes.

Lusofonia - *nossa Mátria*
Portugal - *nossa Pátria*
Cultura – *nosso Mundo*
Porto – *nosso berço*

Porto, 27 de Maio de 2009

NOTA

Estatuto (re)publicado ao abrigo da Lei de Imprensa

Guilherme d'Oliveira Martins
presidente do CNC

«A Vocação Histórica de Portugal» de Miguel Real (Esfera do Caos, 2012) pretende demonstrar que, mais do que um destino histórico, há uma vocação histórica para Portugal – «a de cruzar a nova experiência europeia com a antiga provação imperial, gerando um novo e exemplar espaço político internacional de igualdade e prosperidade – a Lusofonia».

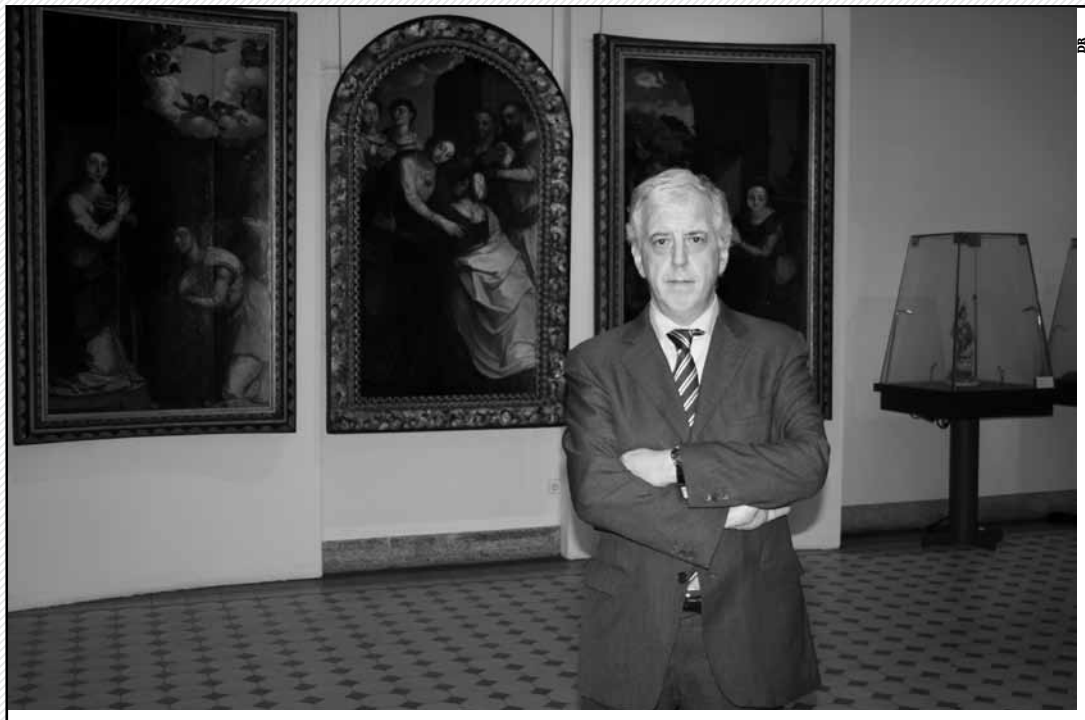
A IDENTIDADE NACIONAL

– «A identidade nacional, tal como existe hoje, resulta de um processo histórico que passou por diversas fases até atingir a expressão que atualmente conhecemos» – disse José Mattoso, por certo o mais lúcido analista da identidade portuguesa. E a verdade é que a permanência do território europeu e das suas fronteiras, ao longo dos séculos, bem como a importância de uma língua antiga, com projeção intercontinental, falada por mais de duzentos milhões de falantes constituem duas características importantes que devemos lembrar. Temos as fronteiras estáveis mais antigas da Europa, somos a terceira língua europeia mais falada no mundo e o idioma mais usado no hemisfério sul. No entanto, como tem sido salientado pelos estudiosos da questão portuguesa, a nossa identidade tem-se afirmado ao longo dos tempos, desde o século XII, a partir da sua capacidade de se enriquecer através do contacto com outras identidades e outras culturas. A cultura portuguesa sempre se tornou mais rica, abrindo-se, dando e recebendo. Formámo-nos como um cadinho de diversas influências – a partir dos vários povos que foram chegando à finisterra peninsular e se misturaram. E essa qualidade de receber e de se relacionar permitiu, a partir do século XV, a gesta de ir à descoberta de outras terras e outras gentes. Há, assim, um enigma bem presente, que é o de tentar saber por que motivo fomos mar adiante – a «dar novos mundos ao mundo». E se Eduardo Lourenço fala de uma superidentidade, di-lo como uma espécie de compensação, de quem vive dividido entre a recordação histórica de velhas glórias e a consciência presente de dificuldades e limitações. Por isso, os nossos mitos tornam-se importantes, não para explicar, mas para cuidar da sua crítica para obter a respetiva superação. Jaime Cortesão falou do «nosso» humanismo universalista de fundo franciscano, para significar que a dignidade humana está no centro da nossa «aventura». S. Teotónio, companheiro de D. Afonso Henriques e alma dos cónegos regrantes de Santo Agostinho, de Santa Cruz de Coimbra, criou um centro erudito, animado pelo riquíssimo diálogo mediterrânico, renovador do pensamento europeu. Santo António de Lisboa, discípulo de Santa Cruz e companheiro do Pobre de Assis contribuiu decisivamente para renovação teológica e cultural do franciscanismo na Europa e no mundo. Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões usaram o tempo e o espírito para pôr a tónica nesse universalismo de ideias e valores. E o Padre António Vieira tornou as «Trovas» de Bandarra uma chamada a um desejo vivo e não morto, transformando a lembrança funesta de Alcácer Quibir num apelo de renascimento e restauração. No entanto, era mais fácil a invocação de um encoberto morto, com raízes fundo celta, trazido da noite dos tempos do ciclo bretão e dos cavaleiros da tábua redonda. Daí a ciclotimia que ainda nos distingue – entre momentos altos e baixos, entre o mistério da história e a dura tomada de consciência das fragilidades, que Alexandre O'Neill resumiu: «Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo, / golpe até ao osso, fome sem entretém, / perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes, / rocim engraxado, / feira cabisbaixa, / meu remorso, / meu remorso de todos nós».

A CRISE ATUAL E AS RESPOSTAS. – O atual tempo de crise leva-nos a lembrar uma ancestralidade, que obriga a superar o «país sonâmbulo», que Miguel Real recorda, bem como o prefaciador da obra, José Eduardo Franco: a história antiga; o amor-próprio; a sede arreigada de independência; os nove séculos de dificuldades e de vontade; a capacidade de manter uma identidade aberta; a recusa do fatalismo da mediocridade; o sentido crítico que permite ir à luta e não desistir; a consciência dos defeitos e a tentação do ilusório sonho; a contradição de nos acharmos os melhores ou os piores e o sentido trágico que leva à permanência, apesar de tudo. No entanto, estes elementos têm de ser vistos num percurso lento e complexo. Fernão Lopes retrata os alvores da realidade dos portugueses como projeto próprio de autonomia e emancipação, para além do reino político. João de Barros, nas «Décadas», encontra pela primeira vez os portugueses no mundo. «Os Lusíadas» e Camões apresentam a nossa história como uma epopeia digna dos clássicos. Fernão Mendes Pinto ligou a aventura e o drama, o picaresco e a história. A restauração de 1640 obrigou a consolidar a herança histórica própria. O quinto império abriu caminho à consideração do universalismo da dignidade humana, até que os últimos séculos foram afinando a «arte de ser português», agora, mais uma vez em encruzilhada decisiva. E a vontade, como afirmou Alexandre Herculano, tem tido um papel decisivo. «Somos porque queremos». Eis um motivo de esperança e de sentido crítico.

PISTAS EUROPEIAS E LUSÓFONAS. – Oiçamos Miguel Real: «Se a Europa é o lugar natural de Portugal, o seu lugar histórico é, hoje, a lusofonia (...). Os Descobrimentos fizeram-nos, constituíram o nosso tempo de adultos históricos, selaram a nossa identidade nacional. (...) Neste sentido, devemos sempre juntar ao nosso lugar natural (a Europa) o nosso lugar histórico (a lusofonia), este atualmente mais importante do que aquele, porque conquistado e realizado com sucesso». E diga-se, em abono da verdade, que o europeísmo de que Eduardo Lourenço tem falado e cuja crise profundamente o preocupa não é concebido doutro modo – Portugal é Europa e é universalismo. Lorenzo Natali sempre afirmou que Portugal na Europa traria sempre a sua história, e o cosmopolitismo somar-se-ia ao universalismo. «Deste modo, o máximo de recursos possíveis dos países lusófonos deve ser vazado na educação e na cultura (afirma Miguel Real), pondo a tecnologia ao serviço destas e não o contrário, como a Europa tem feito, desenraizando de valores comunitários o atual homem europeu, um homem tecno-burocrata». E, em síntese: «Finalmente, a comunidade lusófona deve constituir um espaço de paz absoluta sob tripla garantia: a da inexistência de guerra entre os seus membros; a da inexistência de guerra no interior do território de cada membro e a da defesa comum, caso um dos seus membros seja atacado. Neste sentido, o regime democrático, por mais imperfeito que seja, deve ser considerado a configuração política constitucional do Estado entre todos os membros da comunidade, obstando à substituição do poder por via militar». A reflexão obriga, no fundo, a ligar uma identidade aberta e uma ligação generosa de caminhos independentes e complementares, sem paternalismos nem saudosismos. A lusofonia é uma teia complexa de diferenças. E, como disse Vieira na sua «Clavis Prophetarum» é uma prefiguração do respeito inteiro pela eminente dignidade de todas as pessoas.

NOTA
Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura



DR

II Congresso História SCMP

Lições de uma estória que a História dá

Começa amanhã o II Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto, a terceira instituição mais antiga da cidade e que conta com mais de cinco séculos. Serão dois dias de debates, conferências, seminários, onde grandes nomes das diversas áreas intelectuais do País dirão presente. Em entrevista (por email), o Sr. Provedor da SCMP, Dr. António Tavares, anuncia alguns dos temas que vai abordar, como sejam os "da caridade que serão matrizes para falar de um novo tempo com novos valores e novas necessidades para os nossos concidadãos".

MARIA JOSÉ GUEDES

O que faz o Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto?
Acima de tudo procura fazer com bom senso uma política de vigilância e apoio aos que mais precisam neste tempo de crise de economias e valores.

Quais são as grandes dificuldades que a SCMP enfrenta actualmente?
Como todas as instituições, os problemas residem na ausência de financiamento suficiente que possa dar resposta a todas as solicitações de apoio e de solidariedade.

Desde a fundação da SCMP que a vertente solidária esteve sempre no topo das prioridades, porém a cidadania e a cultura fazem, igualmente, parte das prioridades. Considera que estas duas vertentes são absolutamente indispensáveis na filosofia da Santa Casa? Porquê?
É evidente que uma das obras de Misericórdia é ensinar os ignorantes ou aqueles que estão menos sensibilizados para estas matérias. Assim é natural e normal que quem tem um património tão vasto na cultura possa, para além da cidadania, encontrar aqui uma resposta para afirmar valores de solidariedade cristã e de apoio ao próximo.

Sr. Provedor já que estamos a falar de cultura, o Museu de Arte Sacra em que ponto está?
Esta a desenvolver se com cautela e determinação. Será o MMIPO e não terá só arte sacra no seu espólio e divulgação.

O arquivo histórico vai ser reinstalado na Casa da Prelada. Para quando e o porquê desta decisão?
Está previsto até ao final do ano estarem concluídas as obras e com este novo equipamento fica a ganhar a cidade e a instituição além dos investigadores que ficam dotados de novas instalações.

Estão a ser cumpridas as 14 obras que a SCMP tem como «estatutos»?
Sempre, desde 1499 é a nossa missão ao serviço de todos os que precisam e necessitam quer os mais velhos quer os mais novos todos contam nesta missão.

Amanhã (28 e 29, pois esta edição está nas bancas dia 27) começa o II Congresso da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Entre o vasto e importante programa o que gostaria de destacar como sendo «a não perder»?
O programa, cujo mérito é do Professor Ribeiro da Silva, vale como um todo. Destacar qualquer parte seria retirar mérito a qualquer um dos autores. A presença de D. Manuel Clemente é um motivo por si só para acompanhar este evento.

Todas as benfeitorias que têm sido feitas ao logo destes cinco séculos têm sido devidamente reconhecidas pelo Estado Português?
O Estado tem reconhecido todo o papel de intervenção da Santa Casa. Podemos questionar se tem sido como desejamos, mas desde sempre em qualquer regime ou qualquer modelo de desenvolvimento económico e social a SCMP tem estado presente como parceiro do Estado de corpo inteiro.

O que gostariam com carácter de urgência e que não pode ser feito por ausência de apoios?
Tudo é urgente neste tempo de dificuldades. Muita coisa não se faz por falta de meios mas em 513 anos de história isso é uma distante permanente no nosso código genético.

Acha necessário que se faça um profundo estudo sobre a história desta que é a instituição mais antiga do Porto?
Estamos a criar condições para isso. Aguardamos a abertura do QREN para se fazer uma candidatura de resposta a este sonho com mais de um século de vida.

A sua intervenção vai focar que temas?
Os temas do congresso, o culto, a caridade serão matrizes para falar de um novo tempo com novos valores e novas necessidades para os nossos concidadãos. No fundo, pensar o presente com o exemplo do passado e os olhos no futuro.

Neste congresso o que não pode deixar de ser dito?
Não podemos deixar de falar em solidariedade, em esperança e nas lições da história. Esperamos e desejamos que esta seja uma crise passageira e cuja reflexão permita inovar socialmente para melhorar a qualidade de vida de muitos portugueses.

II CONGRESSO DE HISTÓRIA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO
CULTO, CULTURA, CARIDADE

PROGRAMA

28 DE JUNHO

09h00 SESSÃO D E ABERTURA DO CONGRESSO
Momento Musical
Conservatório de Música do Porto
Intervenção do Provedor da SCMP, Dr. António Manuel Lopes Tavares
Intervenção do Mesário do Culto e Cultura e Presidente da Comissão Científica do Congresso, Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

09h15 Conferência inaugural
D. Manuel Clemente, Bispo do Porto

09h4 5 - 11h15 I SESSÃO D E COMUNICAÇÕES E D EBATE
Presidente da Mesa: Prof. Doutor Luís Miguel Duarte (FLUP/CITCEM)

Prof. Doutor Manuel Joaquim Pinho Moreira Azevedo (UCP)
Os jovens sem qualquer resposta educativa e a Santa Casa da Misericórdia do Porto
Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (UCP/CITAR)
Revivalismos de Oitocentos e Novecentos na Ourivesaria da Santa Casa da Misericórdia do Porto
Prof.ª Doutora Isabel dos Guimarães Sá (UM/ICS)
D. Lopo de Almeida, benfeitor da Misericórdia do Porto (c. 1525-1584): uma incursão sobre os seus bens móveis
Intervalo

11h30 - 13h00 II SESSÃO D E COMUNICAÇÕES E D EBATE
Presidente da Mesa: Prof.ª Doutora Isabel dos Guimarães Sá (UM/ICS)

Prof.ª Doutora Maria de Fátima Pereira Machado (Escola EB 2,3 de Lousada Este/CITCEM)
Prof. Doutor Luís Miguel Duarte (FLUP/CITCEM)
A Misericórdia do Porto e a assistência aos presos no século XVI
Prof.ª Doutora Maria Marta Araújo Lobo (UM/ICS)
Entre o conflito e a cooperação: a Misericórdia de Braga e a confraria de Santa Cruz na Idade Moderna
Dr. Nuno Fernando de Pinho e Silva de Almeida Falcão (FLUP)
Em torno da Rainha Velha: os Lóios e as Misericórdias
Diogo J. R. de Campos
Meio milénio de Culto, Cultura e Caridade
Almoço

14h30 - 16h15 III SESSÃO D E COMUNICAÇÕES E D EBATE
Presidente da Mesa: Prof. Doutor José Manuel Tedim (UPT/UC)

Prof. Doutor Vítor Manuel Guimarães Veríssimo Serrão (FLUL/IHA)
O retábulo de D. Lopo de Almeida e a actividade do pintor maneirista Diogo Teixeira na Misericórdia do Porto (1590-1592): inovação de uma obra e expansão regional dos seus modelos
Prof. Doutor Vítor Gomes Teixeira (UCP/CITAR)
Para uma iconografia da Misericórdia em Portugal (séculos XVI-XVIII): estudos interpretativos e sínteses ideológicas
Dr. António José Oliveira (CEPESE)
A obra de talha da Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães (1759-1781)
Dr. Álvaro Ferreira da Silva (SCMP)
Fons Vitae: o Olhar de um Médico
Intervalo

16h30 - 18h15 IV SESSÃO D E COMUNICAÇÕES E D EBATE
Presidente da Mesa: Prof. Doutor Vítor Gomes Teixeira (UCP/CITAR)

Dr. Estêvão Zulmiro Braga Samagaio (SCMP)
As "Mulheres" na História da Santa Casa da Misericórdia do Porto
Prof. Doutor José Ferrão Afonso (UCP/CITAR)
Do papel à pedra: a colecção de gravuras de Vrederman de Vries do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a capela-mor da Misericórdia do Porto e o ornamento "flamenguista" na arquitectura portuense (c. 1560-c. 1725)
Prof. Doutor José Manuel Tedim (UPT/UC)
Exéquias fúnebres de D. João V na Santa Casa da Misericórdia do Porto
Prof. Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha (FLUP)
Ligações culturais e artísticas entre a Santa Casa da Misericórdia, o Mosteiro da Avé Maria do Porto e o Mosteiro de Arouca (Sécs. XVI-XIX)

29 DE JUNHO

V SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE
09h00 - 10h4 5 Presidente da Mesa: Prof. Doutor Rui Manuel M. Lopes Ramos (UL/ICS)

Dr.ª Ana Dorinda Soares Martins
Dr.ª Patrícia Alexandra Lopes Alves
Proteger, Administrar e Financiar: o papel da Santa Casa da Misericórdia e da Câmara Municipal na assistência aos expostos na cidade do Porto (séculos XVII a XIX)
Prof.ª Doutora Ana Sílvia Albuquerque (UPT/APHVIN/GEHVID)
Filantropia: da relevância dos legados para a obra social das Misericórdias
Prof. Dr. Joaquim António Gonçalves Guimarães (Solar Condes de Resende/Confraria Queirosiana)
Legados oitocentistas gaienses à Santa Casa da Misericórdia do Porto (continuação): o do Provedor Doutor António Ribeiro da Costa
Prof. Doutor António Manuel Barros Cardoso (FLUP/APHVIN/GEHVID)
A Santa Casa e o financiamento ao Vinho do Porto (século XVIII)
Intervalo

11h00 - 13h00 VI SESSÃO D E COMUNICAÇÕES E D EBATE
Presidente da Mesa: Prof. Doutor António Manuel Barros Cardoso(FLUP/APHVIN/GEHVID)

Prof. Doutor José António Oliveira (ESTGF/APHVIN/GEHVID)
A Misericórdia do Porto nas exéquias de D. Pedro IV
Prof. Dr. Lívio Pereira Correia (IPP)
António Maia, Provedor da Santa Casa e a surpreendente "Relação breve, e compendiosa do melhoramento e adiantamento feito no Hospital Real de S. Antonio", no ano de 1824
Prof. Doutor Henrique Gomes de Araújo (UCP/CITAR)
Prof. Doutor Rui Manuel M. Lopes Ramos (UL/ICS)
O Conselheiro Wenceslau de Lima, Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto
Prof. Doutor Aníbal José Barros Barreira (FLUP)
O Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança da Misericórdia do Porto – as órfãs e as porcionistas (1731-1850)
Almoço

14h30 - 16h15 VII SESSÃO D E COMUNICAÇÕES E D EBATE
Presidente da Mesa: Prof. Dr. Joaquim António Gonçalves Guimarães (Solar Condes de Resende/Confraria Queirosiana)

Prof. Doutor António Matos Ferreira (UCP/CEHR)
Misericórdias no século XIX e movimento católico: o caso do Porto
Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva (SCMP/FLUP)
A Misericórdia do Porto, a Assistência Social do Estado e o Primeiro Congresso Português de Beneficência (1905)
Dr. Delfim Manuel Magalhães Sousa (SCMG)
Obras de Misericórdia: oportunidade ou incapacidade do homem contemporâneo?
Prof. Doutor Eduardo Cândido Cordeiro Gonçalves (ISMAI)
"Por dentro do Asilo": António Maria de Senna, o Hospital do Conde de Ferreira e as origens da Psiquiatria em Portugal
Intervalo

16h30 - 18h00 VIII SESSÃO D E COMUNICAÇÕES E D EBATE
Presidente da Mesa: Prof. Doutor António Matos Ferreira (UCP/CEHR)

Dr. Ricardo A. Varela Raimundo (CEHR)
A Assistência prestada pela Santa Casa da Misericórdia em tempos de crise (séculos XVIII-XIX)
Dr.ª Maria Teresa Costa Ferreira Cardoso (Escola EB 2,3 Frei João de Vila do Conde)
O culto aos mais necessitados – Procissão de Acompanhamento dos Padecentes e Procissão dos Ossos – manifestações transfiguradoras da sociedade portuense no século XVIII
Prof.ª Doutora Helena Sofia Rodrigues Ferreira da Silva (Université du Havre)
Caridade e humanismo na Santa Casa: o caso do pessoal do Hospital de Santo António (primeira metade do século XX)
Intervalo

18h15 SESSÃO D E ENCERRAMENTO
Intervenção do Provedor da SCMP, Dr. António Manuel Lopes Tavares
Intervenção do Mesário do Culto e Cultura e Presidente da Comissão Científica do Congresso, Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

M. J. Martins de Freitas
advogado e mestre em Cultura Portuguesa

Liberdade, Literatura e Ciência

Na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), o Doutor Carlos Fiolhais, catedrático e físico de renome, proferiu, a 16 de Maio, uma conferência intitulada *Ciência e Literatura* justificando a inversão do título (estava anunciado *Literatura e Ciência*) pela ordem alfabética das palavras. Conheço o Carlos desde o meu tempo de estudante de Coimbra e chegámos a estar alojados nas mesmas instalações. Já então era considerado um jovem talento. Para se conhecer os degraus que subiu na Universidade e na ciência portuguesa e internacional bastará "googlar" o seu nome para verificar, em textos, vídeos e demais informes, a sua actividade académica, científica e de divulgador da ciência, enchendo de natural orgulho o nosso país. A Régua deve regozijar-se deste homem, que é filho dum graduado da GNR, natural da freguesia de Sedielos.

Ora, Carlos Fiolhais, que tinha sido Professor na UTAD nos anos 80 do século passado, abriu a sua palestra deste modo: "*Quando tocamos a Literatura ela toca-nos!*" Abordou a seguir o livro *As Duas Culturas*, do inglês Charles Percy Snow, que se reporta à problemática relação entre a Ciência (ciências exactas e naturais, entenda-se) e da Literatura (em geral, letras, artes e humanidades). Essa obra visou combater a separação entre essas duas áreas de cultura. No final da década de 50 do século XX, para C. P. Snow as duas culturas – a Ciência e a Literatura – eram duas faces da mesma Humanidade. Para Snow, não fazia sentido que os literatos e humanistas desconhecessem os conceitos básicos da ciência e que os cientistas não dessem atenção às dimensões estéticas, éticas e humanas da ciência. Por isso, as duas culturas deveriam dialogar, procurando eliminar os preconceitos e as visões deformadas que uma cultura tem da outra. O físico reconheceu que a polémica apresentada nesse livro ainda não está resolvida.

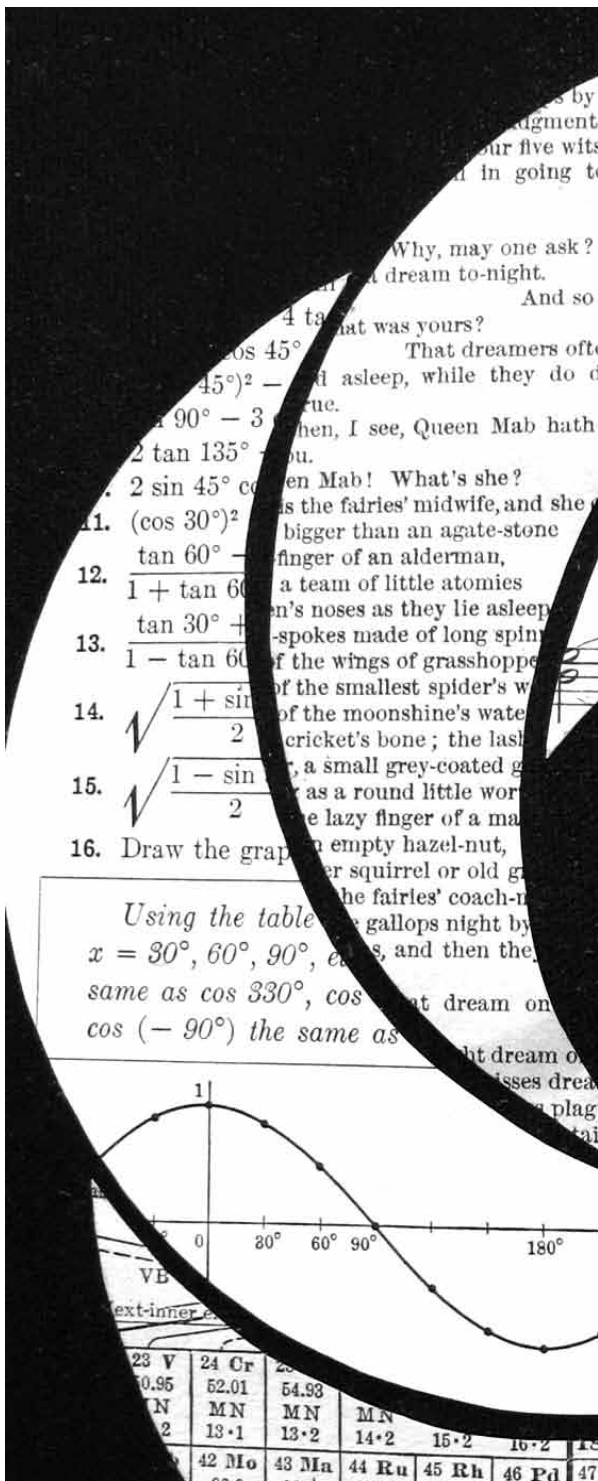
Recuando no tempo, Carlos Fiolhais, aludiu à Revolução Científica introduzida pelo italiano Galileu Galilei e pelo inglês Isaac Newton. Expressou a ideia de que *"a ciência precisa de instrumentos"*, que exprimiu através da imagem que os *"instrumentos são o posto avançado dos olhos"* e que *"os olhos são o posto avançado da mente"*. Prosseguiu afirmando que a Ciência precisa, além disso, da Literatura para exprimir o que se consegue ver, tendo exemplificado a afirmação com a obra *"O Mensageiro dos Céus"* da autoria de Galileu, cujo título, em si mesmo, já era literário, conforme frisou. Para o escritor italiano Italo Calvino, a prosa de Galileu eleva-se quando fala da Lua.

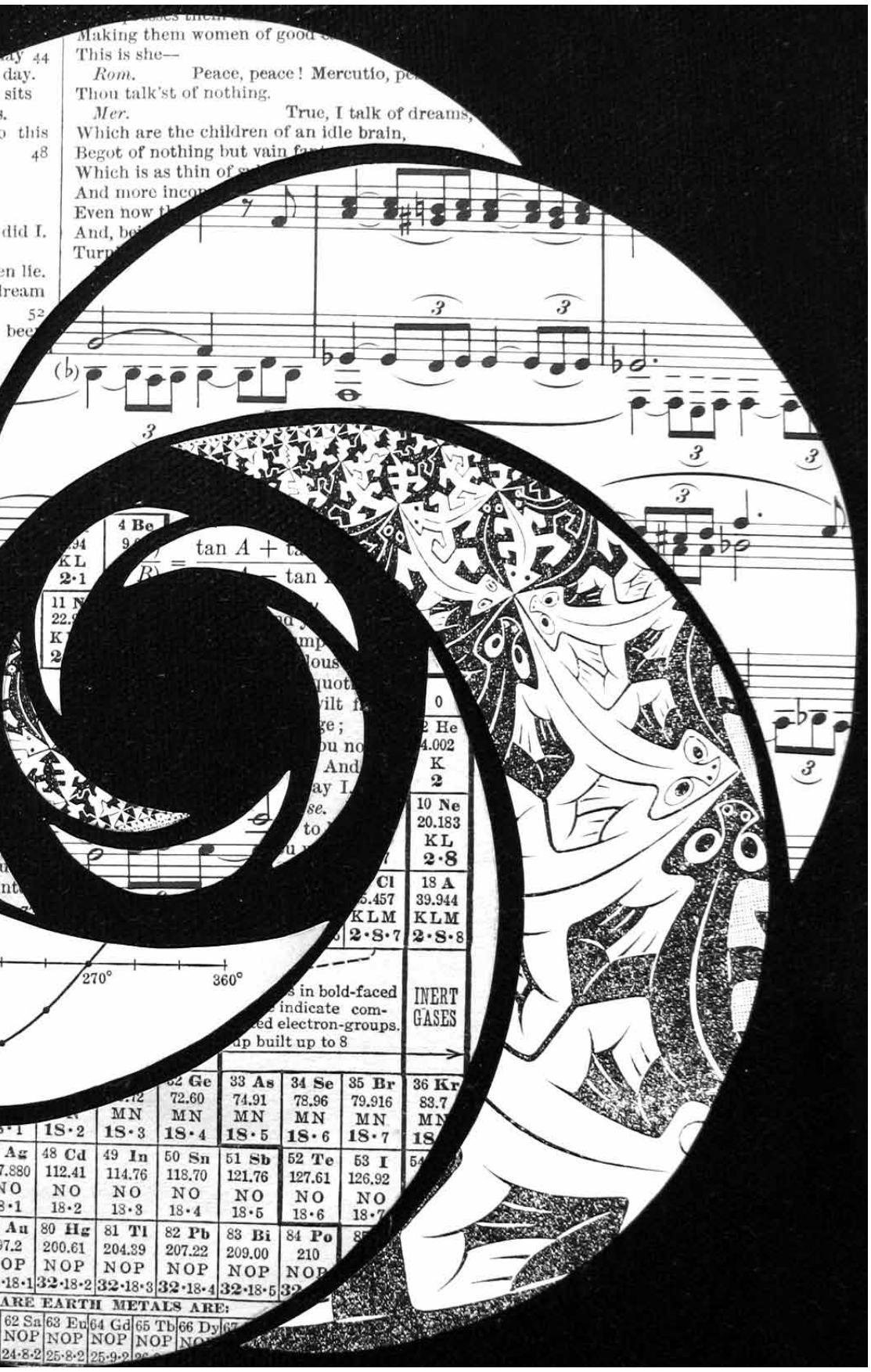
É impossível, neste apontamento, mencionar todas as ideias sobre a ligação da Ciência com a Literatura ilustradas com exemplos pelo conferencista. Direi, no entanto, que ele adornou a palestra. Do lado da Literatura, com textos dos dois poetas maiores da literatura portuguesa: Luís de Camões e Fernando Pessoa. Lembrou que Camões foi um homem muito atento ao mundo da sua época, demonstrando esta afirmação lendo uns versos do Canto X d' *Os Lusíadas* onde o autor enumerou as principais constelações do Hemisfério Norte (destacou também que os primeiros versos publicados de Camões saíram nos *Colóquios dos Simples* de Garcia da Orta, publicados em Goa). Por outro lado, lembrou que Fernando Pessoa, no seu heterónimo Álvaro de Campos, foi quem afirmou que *"o binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo"*.

Comprovou a interpenetração de obras de alguns cientistas que foram exímios escritores e de alguns escritores que se interessaram pela ciência. Foram os casos, do lado da ciência portuguesa, de José Anastácio da Cunha, que além de matemático foi poeta, Ricardo Jorge e Egas Moniz, que além de médicos foram biógrafos de escritores (respectivamente Francisco Rodrigues Lobo e Júlio Dinis), e, do lado da literatura nacional contemporânea, Rómulo de Carvalho/António Gedeão (um caso muito feliz de intimidade entre Ciência e Literatura), Vitorino Nemésio, Adília Lopes e E. M. Melo e Castro.

Concluiu dizendo que, para Albert Einstein, o pai da teoria da relatividade, o espaço, o tempo, a matéria e a energia estavam ligados. Trata-se de uma visão científica, mas que não tem deixado de proporcionar metáforas literárias. Contou como um jornal português intitulou *"A luz pesa"* a notícia, em 1917, da confirmação da teoria da relatividade geral com a observação de um eclipse na ilha do Príncipe.

Carlos Fiolhais disse, no debate final, que no século XVI a Humanidade conheceu uma enorme mudança. Recordou o matemático Pedro Nunes e o papel de Portugal como pioneiro na descoberta de novos mundos, ou seja, da primeira globalização. Os seus esclarecimentos centraram-se, depois, em redor da arte e humanidade dessa época, da recuperação dos ideais do conhecimento, da criatividade e da liberdade já presentes na An-





tiguidade. No âmbito da arte, afirmou que o nascimento da perspectiva no Renascimento constituiu uma verdadeira revolução na pintura, parte de uma revolução das Artes que se antecipou um pouco à Revolução Científica. Aludiu à educação grega que visava a formação integral do homem e lembrou que a recuperação do ideal grego ocorreu nessa época.

Para Carlos Fiolhais, o cientista é, como o artista, alguém que imagina o mundo. A imaginação é a mola da ciência (para Einstein, a imaginação *"era mais importante que o conhecimento"*). Porém, a criatividade na ciência tem de se cingir à "imaginação" do mundo (segundo o físico Feynman, a imaginação tem de estar dentro de uma *"camisa de forças"*), ao passo que na arte a imaginação pode ser mais livre. Defendeu que o homem se enriquece com o conhecimento científico, mas que este só se consegue seguindo um certo número de procedimentos – o método científico, baseado em geral na experiência física, conseguida graças à instrumentação, e na experiência mental, conseguido graças à imaginação. Acrescentou que na ciência há progresso e que na arte também o há, embora de tipo diferente, desempenhando nos dois casos a avaliação pelos colegas do mesmo ofício (respectivamente cientistas e artistas) um papel no estabelecimento das obras maiores. A diferença é que na ciência a Natureza é sempre quem mais ordena.

A finalizar esclareceu – aproveitando uma questão sobre a liberdade – que a liberdade (física e mental) é tão essencial para a ciência como para a literatura. Terminou, ilustrando a relação entre ciência e literatura com a leitura deste soneto de Antero de Quental, que expressa de um modo único não só uma visão científica do homem como o desejo humano de liberdade:

"Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onde, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paúl, glauco pascigo...

Hoje sou homem – e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espirais, na imensidade...

Interrogo o infinito e às vezes choro...
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro
E aspiro unicamente à liberdade."

Eugénio Lisboa
escritor

Algo de Novo na Póvoa de Varzim

Há um provérbio latino que diz assim: "Ex Africa semper aliquid novi", o que, em português, quer dizer que, de África, vem sempre algo de novo. Da Póvoa de Varzim, também: veio de lá o Eça, veio de lá a soberba *Confissão de Um Homem Religioso*, que o Régio, por ali, andou a escrever, a uma mesa do Diana Bar, vieram de lá as magníficas *Correntes D' Escrita*, que todos os anos agitam o meio cultural ibérico e latino-americano, e, agora, surgiu, no passado dia 5 de Maio, a inauguração de uma esplendorosa Clínica de Ortodontia e Reabilitação Orofacial, um estupendo arranjo arquitectónico, que inclui, ó surpresa!, uma bela galeria de arte, inaugurada, nesse mesmo dia, com uma exposição de pintura do escritor e pintor Fernando Hilário. O feliz proprietário desta bela clínica, que ama as artes, é o Professor Afonso Pinhão Ferreira, que gosta de possuir e também fazer arte. Além da galeria, o conjunto inclui um belo e sedutor mini-auditório, onde se fez, simultaneamente, a apresentação do livro *Fernando Hilário – Das Imagens e das Palavras*. Na galeria propriamente dita, Fernando Hilário apresentava uma belíssima exposição de pintura, subordinada ao título *Figuração e Ressonância*. Tudo isto parece fazer – e faz – considerável ruído, o que muito incomoda o discreto e quase clandestino pintor e escritor, cujo talento bifacetado parece horrivelmente desassossegá-lo. De falar da Exposição encarregou-se, em eloquente alocução, a Professora Isabel Ponce de Leão.

É do livro, com as suas imagens literárias e pictóricas, que eu vou dizer umas breves palavras. O seu título – *Das Imagens e das Palavras* – pode parecer sugerir que há dois reinos: o das imagens e o das palavras. Reinos alegadamente separados, que, de algum moído, se não intersectariam... Ora, no reino das palavras, também há imagens. O poeta C. Day Lewis, num livro famoso, *The Poetic Image*, publicado em 1947, define a imagem literária, deste modo significativo: "Imagem é uma pintura feita com palavras." É que as palavras também "pintam" e as de Fernando Hilário, contidas no livro, bem o provam. No texto literário, a imagem fornece uma informação literal, completa do objecto, em suma, uma "pintura" (que não deve confundir-se com uma metáfora). É esta "aproximação" entre o reino das palavras (com as suas "imagens") e o reino das imagens, propiciada pela pintura (ou a escultura, ou a fotografia ou o cinema), que levou os antigos a crerem que pintura e poesia eram artes semelhantes e até afins, não havendo qualquer objecção a que o poeta se tornasse um bom pintor e vice-versa. É o famoso "ut pictura poesis", de Horácio, que fez fortuna, ao longo de séculos, até que, no início do século XVIII, Shaftesbury lhe pôs cobro, definitivamente, com o seu livro *Plastics*. Que há aproximações viáveis e similitude de efeitos na sensibilidade dos utentes, é um facto. Mas que o talento para a poesia coincida com o talento para a pintura ou para a escultura, não há como os horríveis factos da vida para deitarem por terra as mais belas teorias.

O que não pode negar-se – e Fernando Hilário é o meu último exemplo conhecido – é a possibilidade de coexistência, numa mesma pessoa, de talento para a escrita e para as artes plásticas (no caso de Leonardo, a multiplicidade de talentos foi simplesmente assombrosa!). Miguel Ângelo, pintor, escultor e poeta é um exemplo que logo ocorre. Grandes escritores, que foram, no mínimo, interessantíssimos artistas plásticos, houve também alguns: Victor Hugo, Jean Cocteau, Baudelaire, Montherlant, Roger Martin du Gard... Grandes ou notáveis artistas plásticos com um forte pendor para a escrita (para a arte da palavra) existem também: basta lembrarmo-nos de Delacroix, de Dante Gabriel Rossetti, do pintor James Whistler ou do arquitecto, decorador e poeta William Morris.

Entre nós, grandes ou notáveis escritores com uma pulsão mais ou menos forte para as artes plásticas são, por exemplo, Almada Negreiros, José Régio, Saul Dias (Júlio, como pintor), Branquinho da Fonseca, Mário Cesariny, Alfredo Margarido, Mário Dionísio, Alberto de Lacerda. E temos, também, notáveis pintores com uma inegável pulsão para a poesia: Júlio Pomar, Cruzeiro Seixas.

Na casa de Victor Hugo, na Place des Vosges, em Paris, o visitante poderá ser surpreendido pela *força* extraordinária dos trabalhos pictóricos do grande poeta, muitos deles datando do seu prolongado exílio nas ilhas do Canal. Cocteau multiplicou-se em desenhos, cenários de teatro, ilustrações, num fluxo imparável.

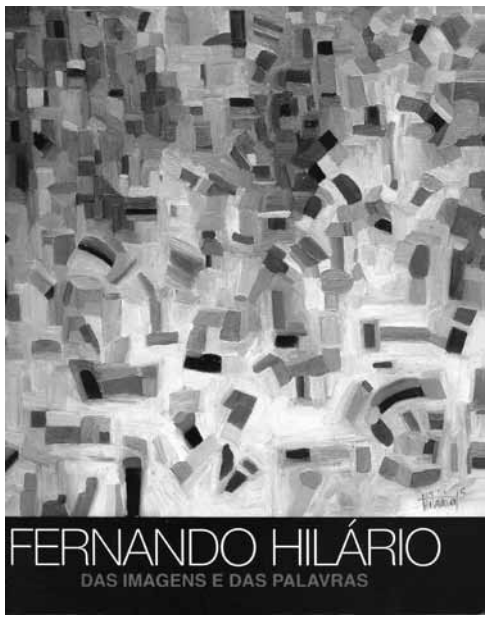
Um grande escritor francês, que já mencionei, Henry de Montherlant, provavelmente o maior prosador francês do século XX, mostra um talento bastante impressivo, nos seus desenhos alusivos a touradas, lutas de boxe, dançarinas e corpos de mulheres, em geral. Desde os cinco anos de idade, que se pôs a desenhar cenas de circo, partidas de futebol ou combates de boxe. Aos nove anos, a mãe servia-lhe de modelo. Aliás, ao conjunto desenho/escrita, dava o nome de "poesia".

Os "carnets" de Montherlant (espécie de diário sem datas), já desde a adolescência, estão cheios de pastéis, desenhos a lápis, aguarelas, muitas vezes, com a colaboração da própria mãe. Régio faz o mesmo, nos seus escritos, poemas, e nas cartas para os amigos (a carta que me escreveu, acusando a recepção do meu manuscrito relativo à antologia da sua poesia, por mim "aparelhada" para a Livraria Tavares Martins, trazia um retrato meu, feito por ele, a tinta de escrever...)

Branquinho da Fonseca tinha hábitos idênticos. Tratava-se, aqui, de pretenderem, de algum modo, acrescentar alguma coisa ao que as palavras não conseguiriam, completamente exprimir.

Pierre Sipriot, um dos melhores e mais persistentes estudiosos da obra de Montherlant, que o visitou várias vezes e lhe manipulou os manuscritos de todas as espécies, observava: "As palavras [em Montherlant] não conseguem exprimir tudo. Alguma coisa escapa sempre. Para dar conta da sensação, na sua plenitude, é bom que o desenho junte, à escrita, o seu charme". Eu diria: mais do que o seu charme, a sua força. A própria assinatura de Montherlant, tal como a de Régio, é, já de si, um desenho trabalhado. E, referindo-se aos corpos nus das mulheres, que desenha, num quarto da Rue Vavin, observa: "O corpo nu, na sua flor, e as suas representações serão ainda actuais daqui a dez mil anos". Eis o que este grande prosador, descendente inimitável da grande linhagem de escritores, que inclui Bossuet, Saint-Simon, Chateaubriand e Barrès, nunca ousou profetizar acerca das suas obras-mestras, no reino da ficção, do teatro, da poesia e do ensaio. Nas artes visuais – seu violino de Ingres – apostava mais afoitamente, do que na escrita, em que se sagrou mestre. Eis, ainda, como se referia à estatuária antiga, em termos impressionantemente visuais: "Como é bela a sua natureza! É como se estivesse tão cheia de sol, que, se a espremêssemos com os nossos dedos, fá-la-íamos esguichá-lo para o exterior".

Mas terminemos, com algumas palavras sobre Fernando Hilário. Há, tal como eu o vi, na manipulação cuidada e atenta deste seu belo livro – *Das Imagens e das Palavras* – não uma dicotomia de caminhos, não a existência de dois reinos separados – o das imagens visuais e o das imagens literárias – mas, sim, um território comum lavrado por instrumentos diversos. Como, aliás, se diz, a páginas 48, do livro, (e faço minhas essas palavras), "o Porto só por instantes, parece desaparecer envolto em nevoeiro, para logo emergir 'pintura, poesia calada, ou poesia, *pintura que fala*'". Note-se, entre parênteses, que todos os "retratos" que figuram no livro são retratos de escritores e não de pintores ou médicos ou advogados ou políticos ou actores ou compositores. O pintor convoca a escrita, a poesia, a prosa poética, essa pintura que fala.



Mas esta abençoada, inspirada e inspiradora confusão vai mais longe do que isto. Na página 70, a pintura intitulada "Como uma cidade de livros" não é fundamentalmente diferente das pinturas intituladas "A Cidade", na página 80, as quais, sendo, supostamente, casas do Porto, podem também ser "lidas", visualmente, como prateleiras pejadas de livros... E, inversamente, as prateleiras de livros também nos remeteriam, sem excessos de boa vontade, para algum desenfastiado casario... Por outro lado, o texto literário da crónica intitulada "Repetidamente" (p. 45) e publicada no *Jornal de Notícias* de 18 de Abril de 1997 está cheio de imagens visuais. Trata-se de uma visita do poeta Fernando Hilário ao Alto Minho. E começa, *logo na primeira linha do texto*, por dizer: "Veio de novo o poeta ao Alto Minho para encher os olhos da infinita cor verde." E acrescenta: "Diz ele que no mundo não há matizes tantas de cor verde como aqui". O poeta está, portanto, atento, sobretudo, a valores de cor: a extensão e a variedade de matizes. O homem de palavras está, neste momento, com sensibilidade de pintor, atento aos valores de pintura e não de escrita. *Mas usando a escrita para o fazer*. Noutro lado, usará a tela e as tintas.

Noutra impressionante passagem, o autor liga, com óbvia e determinada vontade, a *poesia literária à poesia visual*: diz assim: "São poemas de vales, de montes, de rios e de pontes, mas também poemas de máquinas, dos homens (...)". E, mais adiante, quase provocando, ironicamente, a confusão: "Mas sobre o verde do Alto Minho, a poesia fica-lhe nos olhos, fechada na alma. A poesia, diz ele, já aqui está, toda e inteira." Por outras palavras, basta *olhar* e não são precisas palavras, mas a verdade é que ele nos inculca, perfidamente, essa convicção, por meio de palavras sabiamente combinadas, a dizerem-nos que as palavras não são necessárias... E diz, adiante, evidenciando grande mestria de escrita, que, mesmo sem esta, a embriaguez se consegue: "Metido com tanta natureza, embriagados os sentidos de cheiro e cor, o poeta foi dar a Paredes de Coura – vinha ali da Labruja e foi descendo até à vila mais próxima". E, de novo, usando a escrita de mestre, para nos chamar a atenção para outro tipo de embriaguez: "E porque de outras coisas também se alimentam os homens, mesmo os poetas, em Paredes procurou ele casa de repasto. Alguém lhe disse para ir ao 'Conselheiro'. *Aí era outra a poesia* (ital. nosso). Mas era ainda a poesia a maravilhar os sentidos, todos os sentidos. O Vilaça Pinto pôs-lhe na mesa pão de milho, azeitonas trabalhadas em alho e vinho da região. Depois vieram umas pataniscas. E o poeta, que já vinha louco, enlouqueceu de vez". Eis aqui o ciclo completo e perfeito: o poeta de palavras, da sedução da palavra, esquece, por momentos, a palavra e os seus prestígios, para se deixar embriagar por outros filtros e magias. Depois, recordando e recorrendo ao império do verbo, embriaga-nos a nós de palavras e daquilo que elas significam. Quelle machine infernale!

Tudo visto, não se deduz a conclusão, como queriam os antigos, de que o talento para a escrita e o talento para a pintura estão inevitavelmente ligados. Mas pode, isso sim, concluir-se que, quando ambos habitam na mesma pessoa, ainda bem que isso acontece! Um alimenta e alimenta-se do outro e vice-versa, para maior felicidade e riqueza de cada um deles – e nossa. Parafraseando a letra e a música de uma cantiga brincada para crianças do meu tempo, diria assim: se um talento alimenta muita gente, dois talentos alimentam muito mais.

Ramito Teixeira
crítico literário

Mário de Carvalho entre o clássico e o brejeiro

Mário de Carvalho é um escritor de recursos polivalentes, recriando tanto situações históricas do mundo antigo, em abrangentes pormenores de reconstituição epocal, quanto histórias citadinas contemporâneas, as mais das vezes de gente normal, que é como quem diz presas às suas rotinas, aos seus horários, empregos, amores, e demais labirintos sociais.

Em face deste seu novo título, «O Homem do Turbante Verde», não sei que mais dizer senão que é um conjunto de narrativas que nos divertem e que se lêem com visível prazer.

Quesito: em que posição é possível enquadrar este título na obra do autor? Situa-se acima ou abaixo das suas obras de referência?

São várias as respostas. Antes de mais, pelo que antecede, a obra de Mário de Carvalho é dificílima de catalogar e, por inerência, atribuir-lhe uma tendência. Obreiro de vários percursos e de não menos inspirações literárias, singra por várias franjas, que vão desde o chamado romance clássico ao romance surrealista ou fantasmagórico, passando igualmente pelo quase policial e pelo quase brejeiro.

Em todo o caso, este seu novo título não se pode equiparar ao deslumbramento que foi e são os «Contos da Sétima Esfera», os «Casos do Beco das Sardinheiras», «A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho», «A Paixão do Conde de Fróis», «Um Deus Passeando Pela Brisa da Tarde», «Era Bom que Trocássemos uma Ideias Sobre o Assunto», sequer à «Fantasia Para Dois Coronéis e uma Piscina».

Bom, e depois? E depois, nada! As coisas são como são. A importância de um escritor não requer nem advém exclusivamente da condição de todas as suas obras serem obras-primas!

O que se requer de um grande escritor é que seja mestre da língua, virtuoso q.b. no tratamento dos temas e das atmosferas, tanto quanto na tensão dramática, irónica, trágica ou bem-humorada, que lhes atribui.

«O Homem do Turbante Verde» possui tudo isto e por aqui me fico.

Mas para tirar dúvidas, eis que Mário de Carvalho, escassos meses depois deste lançamento, nos apresenta novo título: «Quando o Diabo Reza»!

Na sua aparente simplicidade, esta novela não passa de uma história de bairro: há um empresário droguista reformado, que tem umas poupanças, que vive com uma filha que a elas é alheia, mas que tem uma irmã, casada, que não pensa noutra coisa senão nas massas do pai. De permeio há um "cromo", experimentadíssimo em conversa de treta, tanto que monta um esquema para limpar o dinheirame ao velhote, associando três comparsas, pelo que passam a constituir uma espécie de quarteto de cordas dos anos 50 ou 60.

Nesta história, desde logo sobressai o domínio que o autor exibe na caracterização da fauna citadina de Lisboa. E sobressai não apenas pelo recurso a uma linguagem moderna, de ágil coloquialidade, precisa e concisa nos dialectos que implica, quer ao nível da média burguesia, quer ao nível da vadiagem, qual delas, porventura, mais ridícula ou burlesca; mas essencialmente porque, numa história como esta, que ao fim e ao cabo não é para levar a sério, atribui um perfil psicológico notável a todos os comparsas. Ester, por exemplo, colhe um recorte admirável: é uma personagem universal.

Como já uma vez referi, Mário de Carvalho não é um mágico, alguém que se limita a tirar coelhos de uma cartola, mas um escritor persistente, quase diria interveniente, que relata e descobre, a todo o momento, não só o burlesco das situações como igualmente a enumeração dos logros que nos cercam e nos accionam. E com isto ele transforma o sentido trágico da existência num desfile carnavalesco de anseios e frustrações.

NOTA

O Homem do Turbante Verde e Outras Histórias.
Mário de Carvalho. Lisboa,
Editorial Caminho, 2011;
Quando o Diabo Reza.
Mário de Carvalho. Lisboa,
Tinta-da-China, 2011

Joaquim dos Santos Marinho
licenciado em Economia pela UPorto

Picardias de Camilo e Júlio Dinis

Não há muito tempo, terminava um destes artigos sobre o tema "Camilo e..." falando das prováveis qualidades medicinais do mesmo (e de outros deste tipo), achava-os bons como remédio contra as insónias. Ora Camilo, de entre a extensa lista dos seus padecimentos, nunca perdia ocasião de os expor e se queixar deles a amigos e conhecidos, médicos e não médicos. Diz ele que o seu amigo Dr. Câmara Sinval, lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, que o foi visitar numa ocasião em que estava doente, que o mesmo nunca lhe receitava qualquer remédio propriamente dito; outrossim, aconselhava-o a ler "filósofos e poetas épicos" quando tinha insónias. Ele mesmo, na sua clínica, "empregava primeiro a Ilíada, até à Henriqueida e, em último recurso, os sistemas filosóficos desde Platão até Vítor Cousin".

E ia contando a Camilo que "tivera um doente de insónia rebelde que resistira singularmente ao primeiro e parte do segundo Canto d' «Os Lusíadas»; mas perdidas as esperanças de anestesia, lhe dera duas páginas de Kant, e o enfermo ficara sopitado num letargo de Epiménides".

Só Camilo era capaz de gozar consigo mesmo e com o clínico seu amigo desta forma literária fantástica, e tendente a ler-se de sorriso nos lábios. Posto isto, eu que já me considerava um Esculápio especializado nesta maleita, tenho que reconhecer que os há bem melhores.

Júlio Dinis era médico, mas o que receitava a Camilo era uma ostensiva indiferença pela existência do já consagrado romancista, como a seguir se verá.

O autor de «A Morgadinha dos Canaviais», «As Pupilas do Senhor Reitor», «Uma família Inglesa», «Os fidalgos da Casa Mourisca» e «Serões da Província», para citar as mais conhecidas, chegava ele ao mundo da escrita, e quando vinha a propósito qualquer referência a Camilo, a custo dispensava algumas palavras. Quando lhe perguntavam se mantinha relações com aquele escritor, limitava-se a proferir o monossílabo "poucas".

Conta ele em carta que dirigiu ao seu amigo Custódio Passos, que tinha encontrado Camilo em Lisboa, a descer o Chiado e falaram um bom bocado, mas "se fosse no Porto, saudar-nos-íamos muito cerimoniosamente e passaríamos. Aqui foi outra coisa. O "amável" romancista dirigiu-se com maneiras tão "afáveis" que, dir-se-ia sentir um real prazer em me encontrar". E diz Júlio Dinis que aquele lhe falou dos seus achaques, sobretudo da eventual doença da espinha medular, etc. etc. tendo-lhe mesmo perguntado, a ele Júlio Dinis, como ia dos seus padecimentos (este já padecia dos pulmões, doença de que viria a falecer aos 32 anos) lamentando-os e oferecendo-lhe a sua casa. "Separámo-nos como grandes amigos, depois dum tête-à-tête de um quarto de hora. O homem está realmente muito escavacado. Ele diz que morre saciado, porque viveu muito em 42 anos" (ele tinha 44 anos!).

Este foi o episódio que, em parte (o resto são palavras minhas) transcrevo do livro já várias vezes referenciado «Uma sombra picada das bexigas», de João Araújo Correia. Embora se conhecessem parece ser certo que Júlio Dinis queria nenhumas relações com Camilo Castelo Branco e, não obstante ser bom-tom na época, que lhe ofertasse o livro «as Pupilas...», que acabava de escrever, não o fez. No entanto, Cami-

Joaquim dos Santos Marinho
licenciado em Economia pela UPorto

Picardias de Camilo e Júlio Dinis

lo leu o livro e opinou: "O autor das 'Pupilas do Abade' é cirurgião e lente da escola do Porto. Deve ter 37 anos" (faleceu com 32, como se disse). "É um sujeito doente e triste. Parece-me que tem muitíssima aptidão para a novela. Li e disse cá entre mim, "jam nova progenios, etc". Aquilo é rebate de entroixar eu a minha papelada e desempeçar a estrada à nova geração". Ora isto é um elogio, o que, vindo dum consagrado para um novato, não era nada mau! Mas isto em nada melhorou a mais que provável má impressão que Júlio Dinis tinha por Camilo, apesar de conviver amistosamente com vários amigos do grande escritor, como Custódio Passos, Faustino Xavier de Novais, Castilho e seu filho Júlio, etc.. Realmente, vale a pena perguntar, como Araújo Correia: "Que mal terá feito o pecador Camilo ao irrepreensível Júlio Dinis?".

O atrás mencionado Custódio Passos (amigo íntimo e confidente de Joaquim Guilherme Gomes Coelho – vulgo Júlio Dinis), irmão do poeta Soares de Passos (o do «Noivado do Sepulcro»), este igualmente amigo íntimo de Castelo Branco, é que bem nos poderia desvendar os porquês, se tais existiram, mas não o fez. Se me é permitida uma opinião, julgo que aquela falta de consideração para com um (grande) oficial do (seu) mesmo ofício, estaria no comportamento cívico e moral do habitante da Casa Amarela (Seide). Deveria ficar-me por aqui mas, em consciência, acho que devo aproveitar para falar um pouco de Júlio Dinis até porque, sendo ele natural e baptizado na mesma igreja da mesma freguesia em que nasci (que vaidade a minha), ou seja, S. Nicolau (Porto), se o não fizesse quem saberia que o signatário deste escrito nasceu numa casa distante poucos metros da do professor e romancista e, ambos, também a pouquíssima distância da do Infante D. Henrique, o Navegador! Pronto, como já subi um avo na minha consideração, vou falar do médico e escritor.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho (Júlio Dinis) nasceu na cidade do Porto em 14.11.1839, na Rua do Regimento (julgo que é a actual Rua de S. Francisco) junto da igreja de S. Francisco. Acabou o curso de medicina aos 22 anos. Dois anos depois quis fazer concurso para o lugar de "administrador da secção médica da Escola onde estudara", mas não conseguiu porque uma segunda hemoptise o impediu. Foi este motivo que o levou até Ovar, onde iniciou o livro «As pupilas do Senhor Reitor». Faleceu em 20.09.1871. Era um ser humano de boa formação e grande bondade. Para vo-lo ilustrar deixo-lhes aqui o que li no livro do médico Maximiano Lemos («Camilo e os médicos» que, por sua vez, o foi respigar a um artigo que Júlio Brandão publicou em «Serões». Resumidamente, o episódio por mim contado, é o seguinte: um sujeito já de certa idade, digamo-lo em linguagem actual e frontal, meteu-lhe uma cunha para o exame de Farmácia de que o romancista era um dos examinadores, pois "que tinha família numerosa, vivia mal e a reprovação aumentar-lhe-ia as desgraças porque ia passando"), Júlio Dinis comoveu-se e disse-lhe que "estivesse descansado pois hei-de fazer quanto puder, creia!".

Os seus colegas iniciaram o exame e o pobre homem espalhava-se a todo o comprimento, porque sabia só algumas coisas práticas. O escritor, que ainda o iria interrogar, empalidecia ao ver que o examinando cada vez se enterrava mais e pensava: "Como hei-se salvá-lo", "que hei-se perguntar-lhe"? De repente desanuviou-se-lhe a fronte. Chega a sua vez, dirige-se ao homem e diz-lhe "Olhe, conte-nos a sua vida!".

O homem ficou tão atarantado de admiração que só retomou a fala quando o escritor insistiu: "Conte, conte a sua vida!". A sua vida, cheia de desgraças, sabia ele contar eloquentemente. O júri escutou-o com interesse. Júlio Dinis sorriase e, quando o candidato à aprovação do exame da disciplina de Farmácia terminou, olhou meigamente para os colegas examinadores, estes responderam: "Sim, estamos satisfeitos".

Maria Luísa Malato
professora universitária

Artes e Letras

A pintura de Isabel Saraiva

Isabel Saraiva formou-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1971. Desde então tem exposto, individual e colectivamente, em Portugal, mas também em Nova York, Barcelona, Seul, México, Paris, Toulouse, Palermo. Prepara para 2013 uma exposição retrospectiva no Porto, na Biblioteca Almeida Garrett. Mas nunca se sabe quando e onde começa a obra de quem cria. Antes de uma pintura se expressar na tela, a imagem é uma projecção, e a mão limita-se a passar-lhe um traço por cima. Antes de um poema se espalmar na folha, são os lábios que lhe dão forma. Aprendi isso ao observar a forma como Isabel Saraiva pinta. De uma forma semelhante àquela com que os poemas afloram entre as nossas conversas. Sei agora que a pintura de Isabel Saraiva começou há muito. Como de resto a sua poesia. Sem dúvida naqueles dias de infância em que as paredes brancas da casa lhe davam vontade de escrever letras e linhas soltas de várias cores. As paredes brancas eram uma provocação: nunca lhe falavam da angústia do branco, chamavam as cores e as linhas. Naquele tempo, as linhas das letras falavam dos traços de pessoas e os lápis de cor sombreavam a forma das letras. No centro deste quadro, para onde os olhos mais se dirigem, a Arte. O arco do A era uma escada que a elevava da terra para mais perto do céu e a boca abria-se então num espanto perante tudo o que de lá se via. Em forma de laço, o L. L de Letras: a língua acariciava o palato, lá do fundo até roçar delicadamente os dentes e recuar de novo. Este quadro chama-se Artes entre Letras. Mas naquele tempo, a metáfora, o transporte entre as coisas, era tão natural quanto um salto sobre as poças de chuva. E a sinestesia, não se lembrando de Proust, juntava o cheiro do leite à bolacha que a mão mergulhava na chávena. Talvez aqueles saltos e mergulhos tenham ensinado Isabel Saraiva a olhar fascinada para as pontes e clarabóias do Porto: estruturas rígidas e geométricas, rigorosas no lançamento do traço, fluidas nas parábolas. Em baixo, uma ligeira névoa sobre as ondas do rio deixa ainda perceber os reflexos do arco na água. E os cúmulos sobre a cidade tornam mais intensa a luz dourada que os consegue atravessar. Nos vidros das janelas, abrem-se pinceladas de azul, laranja, rosa e verde, como se o branco da tela se decompusesse agora diante dos nossos olhos. E a paisagem, quebrada entre as linhas das pontes e os pequenos arcos que a constituem, parece agora o trabalho de um ourives que tivesse unido os estilhaços com linhas negras, sóbrias. A pintura de Isabel Saraiva dá-nos repetidamente esta noção de solicitude: que se una para que não se separe, que se cuide para que não morra. Não danificar, não estragar, que a beleza é frágil e difícil de reconstituir. Preocupa-se ela com o abandono a que está sujeita a ponte D. Maria, tornada inútil. Não deviam preocupar-se também outros, os que só cuidam das coisas úteis? É que a verdadeira arte é tão interventiva quanto um manifesto, e por isso se deve usar a arte. Usar, isto é, trazer, utilizar, empregar: trazer um poema como se ele fosse um hábito, utilizar um quadro como se ele fosse uma ponte, empregar um livro como se ele fosse uma clarabóia...

Três linhas atravessam o quadro. Três espaços. Três tempos. Uma das linhas deriva da segunda. Um dos espaços é invertido. Um dos tempos está suspenso. A pintura de Isabel Saraiva gosta de ritmos, de música. Sobretudo daquele ritmo ternário que na valsa nos deixa um pé no ar, incapaz de marchar, mas sedento de um par que nos ampare a queda iminente. Que assim seja.

Miguel Veiga
advogado

Zero da forma[1]

(o abstracionismo de Hélder e Jeremias Bandarra)

Quando Kandinsky, em 1910, fez a primeira exposição de pintura abstracta, disse ouvir a música que se soltava da justaposição das cores, formas e relações estéticas. De facto, o seu abstraccionismo quer geométrico, quer expressionista presentifica-se num colorismo que se desloca através da tela com exuberância rítmica.

É essa intensidade rítmica que clarifica a fragmentação de motivos figurativos num processo destrutivo das formas significantes em demanda do onírico. Refiro uma arte que, privilegiando cores, nega temas e figuras e bane o compromisso com a realidade reflectindo-se "na superfície da consciência [...] e constituindo uma ponte em direcção à vida interior" (Kandinsky).

Justamente, em Hélder e Jeremias Bandarra assiste-se a uma destruição do volume através das relações estabelecidas entre as cores primárias e as secundárias, em busca de uma linguagem enérgica, que "desenha inconscientemente a sua natureza interior" (Max Pulver), enquanto sinal de premeditações auto-retratísticas.

Hélder Bandarra pospõe valores gestualistas e, através de uma marca pessoalíssima, independente, autónoma, caracterizada pela cultura visual, entra pelo expressionismo abstracto de que deram conta críticos como Clement Greenberg e Harold Rosenberg e artistas como Jakson Pollock e Clyfford Still. Na senda dos artistas do colour field usa cores contrastantes, texturas e sobreposições de camadas apelativas de movimentos pulsáteis e musicais.

Por seu turno, Jeremias Bandarra queda-se, recorrentemente, num abstracionismo geométrico, denominado em França l' Art Concret, ensaiando uma reorganização mental que faz a ponte entre o racional e o sensível e estabelece o dialogismo tempo / espaço na construção do sentido. Evoca, de certa forma, o movimento artístico De Stijl no interesse pelas teorias da cor e pela abstracção geométrica onde pontificaram Piet Mondrian e Theo van Doesburg.

Jeremias Bandarra

Os dois irmãos, naturais de Aveiro e animadores do grupo artístico AveiroArte, dinamizador primaz das artes plásticas naquela cidade, atingem, na presente exposição, o estádio superior da arte pura em que "a pintura pode falar de espírito para espírito através de uma língua puramente artística" (Kandinsky). Tal como Paul Klee, mostram que não chega ver, é necessário escutar porque o visível é apenas uma parte das verdades latentes.

Vejamos e escutemos, portanto, estes artistas inspirados porque "a inspiração é um estado de fé no seio da humanidade absoluta" (Garcia Lorca). As suas obras motivam uma crença profunda e devolvem-nos a fé.

Hélder Bandarra

NOTA

Hélder e Jeremias Bandarra expõem na Galeria da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, até ao dia 31 de Agosto. Comissariada por Isabel Ponce de Leão e por Nassalete Miranda, a mostra de pintura «Zero da Forma – o abstraccionismo de Hélder e Jeremias Bandarra» é inaugurada no dia 6 de Julho, pelas 18h30. Na mesma altura será apresentado o livro «O percurso do artista», de Hélder Bandarra, por Miguel Veiga.

NOTA

1 "Transformei-me a mim mesmo no zero da forma" – Kasimir Malevich.

Júlio Pomar, por António Santos (Santiagu), Portugal (Menção Honrosa)

PortoCartoon 2012

Sob o tema «Ricos, pobres e indignados», o PortoCartoon 2012, na sua XIV edição, já está em exposição, no Museu Nacional de Imprensa. Até ao dia 31 de Dezembro podem ser vistos cerca de 400 cartoons, que expressam, em diversas formas e tons, o vigor do lápis dos cartunistas de todo o mundo sobre um tema de grande atualidade. O PortoCartoon-World Festival é considerado pela Federation of Cartoonists Organisations (Feco), um dos três principais festivais de desenho humorístico do mundo, distinção que coloca Portugal no topo dos concursos internacionais de cartoon.

Joana Vasconcelos

As 17 obras – umas conhecidas, outras inéditas – de Joana Vasconcelos, estão patentes até ao dia 30 de Setembro no Palácio de Versalhes, em Paris. Recorde-se que a artista portuguesa é a primeira mulher e a mais jovem artista a representar a arte contemporânea naquele espaço.

«GRUNDSTEIN 2012»

O artista plástico português José Rosinhas integra um projecto colectivo em Viena, Áustria, na Masc Foundation/39 DADA. A mostra – «GRUNDSTEIN 2012 - moods & methods: save our souls» – está patente até ao dia 30 de Junho.

«Inquietude e Recolecção»

Está patente ao público, na Biblioteca Municipal de Gaia, uma exposição que engloba obras de Agostinho Santos e da sua coleção particular, de onde se destacam artistas contemporâneos, como Graça Morais, Henrique Silva, Jaime Isidoro, João Cutileiro, José Rodrigues, Júlio Pomar, Júlio Resende, Mário Cesariny, Nadir Afonso, Paulo Moreira, Paulo Neves. A mostra, designada «Inquietudes e Recolecção», pode ser visitada até ao dia 1 de Julho.

«Momentos de Inspiração»

A exposição de pintura de Maló Pimentel «Momentos de Inspiração» está patente no Vivacidade - Espaço Criativo, Porto, até ao dia 30 de Junho. A mostra é composta por 12 obras.

«Out»

A Vilateca Livraria Galeria e Artesanato, em Vila Real, acolhe até ao dia 7 de Julho a exposição de artes visuais «OUT – Organismo Utópicos em Trânsito», de Miguel F. Os trabalhos apresentados formam vários blocos, do desenho, à fotografia, som, técnica mista e multimédia.

Vítor Novo, 1.º Prémio

XXV Salão de Primavera

Pode ser visitado, na Galeria de Arte do Casino Estoril, o XXV Salão de Primavera/Prémio Rainha Isabel de Bragança, em que participam 35 finalistas das Faculdades de Belas Artes de Lisboa e do Porto. O primeiro prémio – Prémio Rainha Isabel de Bragança – foi atribuído ao trabalho «Food Chain», de Vitor Novo, finalista da FBAP e natural da Póvoa de Varzim. Foram atribuídas, ainda, 10 menções honrosas. A exposição ficará patente ao público até 17 de Julho.

Carlos Cabral Nunes
cabral_nunes@perve.org.pt

Palavras-actos #42

Devo começar por explicar a razão pela qual numerei "41_b" a minha crónica anterior, publicada aquando do 3.º aniversário deste jornal. Tal deveu-se ao facto da crónica n.º 41 não ter sido publicada. Tratava-se de um texto de reflexão pessoal sobre o meu percurso enquanto autor e fazedor de "coisa" artística e cultural. Inconscientemente ou talvez nem tanto, atrasei-me mais do que o costume, e essa crónica acabou não integrando o jornal. O número, em si, estabelecia um paralelo com a minha idade e eu vi-o como um momento de viragem no conteúdo destes textos. Opto agora por manter o título das crónicas e a sua intenção mas procurarei fazer do seu conteúdo uma reflexão sobre o estado da arte, perspetivando, tanto quanto possível, um futuro. Na mesma se mantendo o enunciado proposto por António Maria Lisboa, a quem tomei emprestado a noção inscrita no título das crónicas: "É às palavras-actos, não às palavras que supõem actos, que me dirijo".

Preposição semiótica para uma releitura do futuro – Um pensamento

É pertinente colocar a questão espaço-temporal quando se procura analisar o fenómeno da obra de arte, especialmente nesta era tecnológica onde os fundamentos assentam na replicação digital de qualquer espécie de conteúdos artístico-culturais, sejam literários, visuais, sonoros, etc.

Sempre será necessário avaliar, situar o objecto criado atendendo à época da sua criação e à vida e circunstâncias particulares com que o autor teve de lidar ao produzir qualquer obra. Isto é válido quando analisamos o paleolítico, suas características que variam geograficamente, para interpretarmos a sua profusão artística, daí estabelecermos critérios valorativos do ponto de vista do seu significado mas também da sua estética e, diria sobretudo, do significante de tais obras para os indivíduos que as produziram e para as gerações que as herdam. Tudo isto se mantém válido se olharmos para a criação contemporânea, especialmente a partir da identificação do conceito de progresso, no início do séc. XIX. É precisamente aí, com o surgimento de ciências humanas tais como a sociologia e a antropologia, que ao indivíduo ocidental é disponibilizada ferramenta de análise estruturante do pensamento, passível de o capacitar a elaborar juízos valorativos independentes de amarras culturais e da deferência excessiva ante obras clássicas herdadas. Partindo daí, foi possível entrar-se numa nova forma de comunicar, de fazer, interpretar arte. Foram sendo criados novos paradigmas artísticos, por necessidade espontânea, fruto das circunstâncias particulares espaço-temporais de cada momento. Daí, tendo como epicentro o pensamento individual – o significante, para se integrar num todo social, intelectual, é possível aferir o seu significado, justamente, à luz de cada tempo, espaço e circunstâncias vivenciais do seu autor.

É deste processo, simultaneamente macro e micro analítico, que podemos partir para (re) interpretar o futuro, tendo consciência que os pressupostos e os fundamentos da criação se mantêm mas os seus referenciais constitutivos, técnicas, suportes, linguagens, funcionalidades, se alteraram e, tudo o indica, mais se alterarão no futuro próximo seja por via do encurtar das distâncias geográficas que possibilita um conhecimento maior do que existe, logo transformando a questão de espaço, produzindo uma consequente alteridade temporal, seja por via (ou sua consequência) do processo cultural globalizado.

Se atendermos à obra pluri-narrativa e multidisciplinar de autores como Eduardo Kác (http://www.ekac.org/), Miguel Chevalier (http://www.miguel-chevalier.com/fr/index.html), Orlan (http://www.orlan.net), Stelarc (http://stelarc.org/?catID=20247) entre outros, podemos verificar que o futuro já está acontecendo na medida em que esses artistas combinam várias técnicas, linguagens e saberes, não exclusivamente artísticos, em torno de uma obra que se poderá designar por global, justamente por ser combinatória e transversalmente identificável com o meio globalizado onde estamos hoje inseridos, comunicando a uma escala e simultaneidade jamais possível antes na história humana.

Estamos, então, perante um paradigma novo na criação artística, mas também na sociedade em geral, aliás ou antes, seu reflexo. Ao indivíduo, sobretudo ao artista (visionário ao longo da história) coloca-se hoje a urgência de relacionar a sua matéria funcional, discursiva, com a volatilidade, a virtualidade dos suportes, ditos digitais, que estão, mais do que à sua disposição, inscritos na sua demanda de existir contemporaneamente. É, não uma necessidade criativa, pessoal, um ditame de sobrevivência não só ou tanto de si mesmo enquanto autor mas do próprio sistema artístico global onde está inserido. Cada vez mais o será no futuro podendo, a prazo, se nada alterar tecnicamente, o artista que agora trabalha exclusivamente com suportes e materiais (físicos) apontados já como convencionais por alguns críticos de arte, vir a transformar-se num "clássico", senão artesão, em pouco mais de uma geração, perdendo dessa forma o estatuto de modernidade que lhe é fundamental.

Da articulação, conjunção, formal, técnica e conceptual poderá o artista impor a reformulação dos pressupostos valorativos da obra de arte que poderão passar, não já ou tanto por questões espaço-temporais, sobretudo num mundo globalizado, mas, isso sim, tanto por questões essenciais de pertinência intemporal da matéria discursiva, como pela perenidade da sua linguagem estabelecendo-se, talvez por essa via, novos (reformulados) conceitos artísticos, ampliando-se o espectro universalista, multicultural, que o artista, consciente ou não desse processo, sempre foi buscando na sua função de comunicador imagético, sensorial, intemporal.

DR

PUB

Hélder Pacheco
historiador

A cidade enquanto Património: um propósito

A participação dos habitantes, utilizadores e actores da sociedade civil na concepção das decisões locais e mesmo na sua concretização, é uma necessidade para adaptar a democracia representativa às exigências da sociedade contemporânea. Ela não constitui, porém, uma alternativa mas apenas um complemento. No entanto, contém em si mesma um projecto de sociedade funcionando mais no compromisso e no consenso e menos no conflito.

François Ascher,
Les Nouveaux Compromis Urbans

O alargamento do conceito de património a todos os aspectos da actividade criadora no campo da cultura e do ambiente é mudança significativa essencial ao desenvolvimento de atitudes activamente intervenientes na defesa e na promoção da herança espiritual de uma comunidade. Por outro lado, o conceito de monumento, até agora estático e redutor, tende a ser reequacionado à luz de perspectivas mais diversificadas sobre o conteúdo do património de que o mesmo é parte integrante.

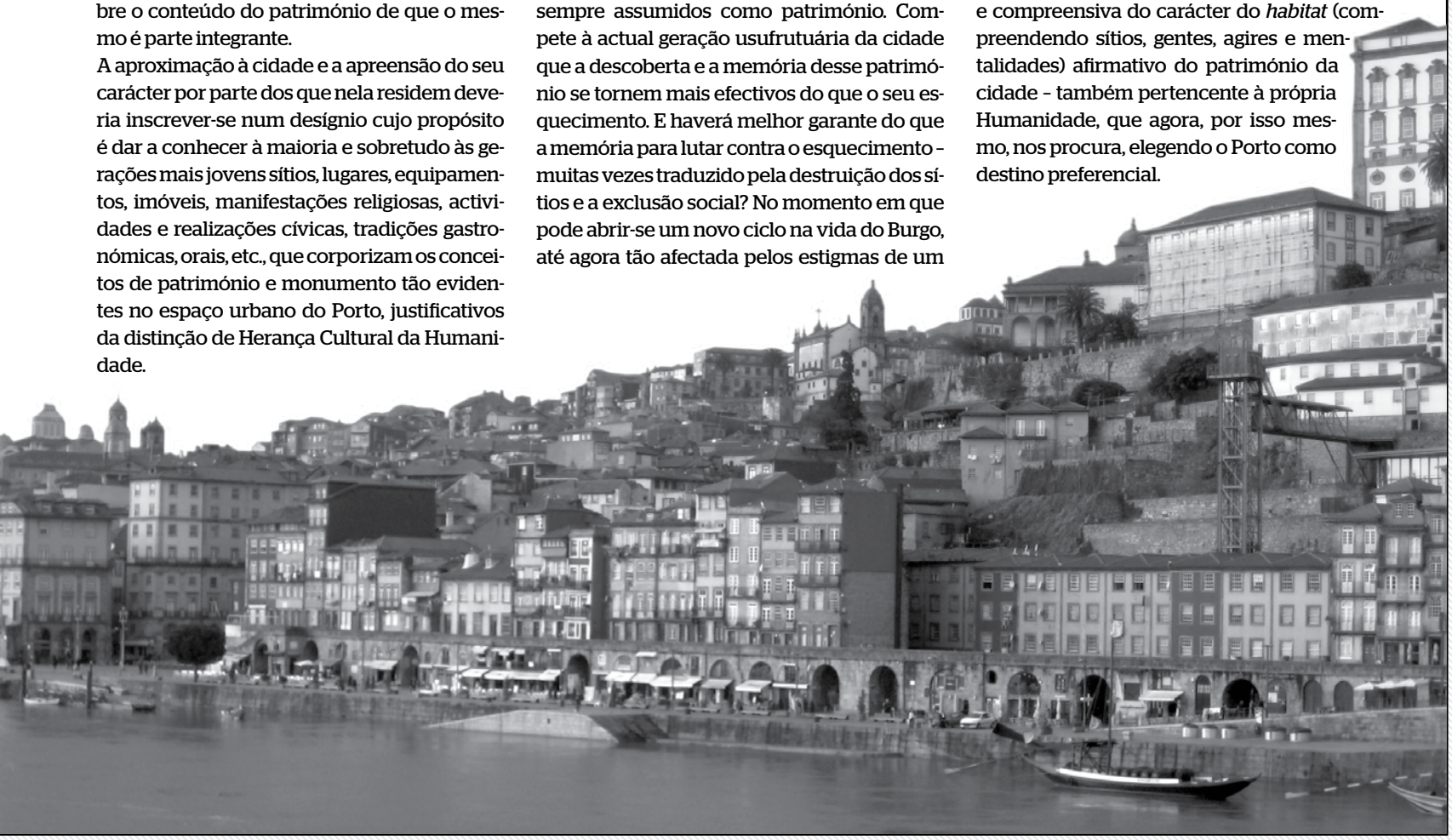
A aproximação à cidade e a apreensão do seu carácter por parte dos que nela residem deveria inscrever-se num desígnio cujo propósito é dar a conhecer à maioria e sobretudo às gerações mais jovens sítios, lugares, equipamentos, imóveis, manifestações religiosas, actividades e realizações cívicas, tradições gastronómicas, orais, etc., que corporizam os conceitos de património e monumento tão evidentes no espaço urbano do Porto, justificativos da distinção de Herança Cultural da Humanidade.

Tal desígnio, além de incentivar a aquisição de hábitos de descoberta e entendimento dos símbolos culturais do Burgo, poderia contribuir para enraizar um valor fundamental da cidadania: a defesa do património e da identidade portuenses é responsabilidade colectiva, assente na participação na vida em comum. Através de um esforço de divulgação e reconhecimento da cidade enquanto, ela própria, património, deveríamos ser confrontados com ideias-chave subjacentes a uma atitude activa de revitalização ou renovação dessa Herança como sejam:

- O que constitui o património cultural do Porto?
- O que é e o que significa um monumento?
- O que queremos, importa e devemos preservar?
- O que podemos fazer, enquanto habitantes da cidade e, de preferência orgulhosos dela, para a salvaguarda das coisas e lugares que nos são caros e das memórias que deles guardamos?

Despertar na população a atenção e o interesse pelo seu ambiente quotidiano é tornar claras certas imagens definidoras de marcos culturais impressos na sua consciência e nem sempre assumidos como património. Compete à actual geração usufrutuária da cidade que a descoberta e a memória desse património se tornem mais efectivos do que o seu esquecimento. E haverá melhor garante do que a memória para lutar contra o esquecimento – muitas vezes traduzido pela destruição dos sítios e a exclusão social? No momento em que pode abrir-se um novo ciclo na vida do Burgo, até agora tão afectada pelos estigmas de um declínio urbano incontrolado (patente na perda de população, despovoamento do Centro Histórico e da Baixa, agonia do comércio tradicional e degradação do edificado), os acontecimentos íntimos da vida das pessoas – que são a essência das tradições –, os elementos notáveis da arquitectura e do ambiente, e a representação de fenómenos sociais com relevância cultural, assumem o papel de património ou de novos conceitos de monumentos que importa desvendar junto da opinião pública para que, compreendendo-os, aprenda a estimá-los.

Tornar-se agente activo da reabilitação e protecção dos lugares e coisas que se amam, no limiar do terceiro milénio, é desempenhar uma função cívica na defesa do contributo das sucessivas gerações que deram conteúdo à identidade portuense, lutando contra a agressão urbana, o desinteresse pelo Bem Comum, a indiferença e a massificação. Neste processo, promover uma consciência crítica sobre o papel da cultura na sociedade será a maneira de desenvolver a apropriação pessoal aberta e compreensiva do carácter do *habitat* (compreendendo sítios, gentes, agires e mentalidades) afirmativo do património da cidade – também pertencente à própria Humanidade, que agora, por isso mesmo, nos procura, elegendo o Porto como destino preferencial.



Mostra Sign eleva Viana do Castelo a cidade criativa

Maria José Guerreiro, vereadora do pelouro da Cultura, Educação e Turismo da Câmara Municipal de Viana do Castelo, em entrevista (por email), explica em que consiste a Mostra Sing, que durante o mês de Julho vai contaminar o concelho com cultura para todos os gostos. Viana "tem todos os argumentos para se candidatar a capital europeia da cultura", mas nesta altura o que está na forja e para muito breve é o "bordado de viana que está em fase de certificação". Por outro lado, Maria José Guerreiro gostaria de ver o "traje de Viana reconhecido a nível mundial".

MARIA JOSÉ GUEDES

DR

Em Julho, com o apoio da Câmara Municipal de Viana do Castelo vai decorrer o CENA SIGN. Para quem não conhece o evento, de que é que se trata?
Em 2012, a Câmara Municipal de Viana do Castelo está a organizar uma Mostra de Design, Arquitectura, Artes e Artesanato, a Mostra Sign, a qual pretende potenciar Viana do Castelo como cidade criativa e empreendedora. Ao longo do ano, são apresentadas actividades ligadas a estes vários domínios e privilegiando várias parcerias, quer com as Universidades, Politécnicos ou Associações, quer com Associações Empresariais. Neste contexto surge a iniciativa Cena Sign que, durante o mês de Julho, se centra sobre as artes performativas.

Este festival de artes performativas é sempre uma incógnita em termos de recepção pela população, ou acredita ser sucesso à partida?
O público está, hoje, muito receptivo à apresentação de novas propostas, pretende mesmo ser surpreendido. Daí considerar que esta iniciativa será bem recebida por todos.

Esta iniciativa geral do SIGN vem na sequência de um outro festival da responsabilidade do Centro Dramático de Viana, ou trata-se de um evento com objetivos completamente diferentes?
O Cena Sign surge num contexto de Mostra Sign, organiza-se à volta de um núcleo temático que é o Piano e as suas declinações, pelo que poderemos dizer que se trata de uma nova iniciativa.

Posso perguntar porque convidou o Dr. Castro Guedes para ser, em nome individual, o director artístico?
Estas iniciativas são pensadas com bastante antecedência e, neste caso, nasceu de uma conversa informal havida entre mim e o Castro Guedes, ainda em 2011. Foram, já na altura, referidos vários nomes, alguns por mim, outros pelo Jorge, pelo que me pareceu coerente convidá-lo para o acompanhamento e produção do Cena Sign.

Estamos no meio destes cortes orçamentais e restrições duras, mas ainda assim tem conseguido manter viva a chama da cultura em Viana do Castelo. Qual é a «receita»?
Os constrangimentos actuais são notórios e crescentes. O Município de Viana do Castelo tem feito um enorme esforço no sentido de manter uma oferta cultural diversificada e interessante, no entanto os apoios são cada vez mais escassos e, neste momento, sentimos alguma dificuldade em programar para além dos próximos dois meses. Estamos muito preocupados com toda esta indefinição em que se encontram as autarquias que, como sabe, estão muito próximas das comunidades e é a elas que estas recorrem mais nestes tempos.

O Concelho de Viana do Castelo tem de facto uma agenda cultural provocatória em termos de oferta, é na verdade para todos os gostos e para todas as idades. Esta vossa aposta na cultura tem obtido os resultados esperados?
A agenda cultural do concelho de Viana do Castelo continua a manter um nível muito interessante, pois, para além da Câmara Municipal, temos muitas Associações, Escolas de Música, Bandas Filarmónicas que continuam a perseguir um desígnio de dinamização cultural. E está provado que, se houver envolvimento das comunidades, haverá também retorno.

Cultura, educação e turismo, é o nome do pelouro do qual é responsável. São áreas que na verdade estão unidas umbilicalmente?
Na realidade, tutelo os pelouros da Cultura, da Educação e do Turismo. Estas três áreas estão muito ligadas e em todas as iniciativas tento estabelecer um nexo que as percorra.

Quando se falam de cortes orçamentais, um dos sectores mais afectados, pelo menos na maior parte dos concelhos, é o da cultura. Qual é a explicação que a Drª encontra para tal?
No concelho de Viana do Castelo, a Cultura assume um papel relevante, pois é a partir dela que nos identificamos. As Festas e Romarias tradicionais, o Artesanato, o Design e a Arquitectura, as Artes em geral, alimentam a nossa comunidade, dão-lhe razão de ser. E a Cultura, não o esqueçamos, gera importantes movimentos que permitem a sustentabilidade a muitos profissionais. Não me parece que cortar na Cultura permita gerar mais riqueza, pelo contrário, empobrece-nos a vários níveis.

A cultura é o ADN de um povo. Retirando as festas emblemáticas e Romarias de Viana do Castelo, manifestações culturais que não podem desaparecer porque é de identidade que se trata, quais os outros eventos que devem merecer igual destaque?
As Festas de Nossa Senhora d'Agonia são a imagem de Viana do Castelo e o dia 20 de Agosto é o dia da Ribeira de Viana e da Procissão ao Mar. Mas a nossa comunidade enleva-se com outras manifestações como: as demonstrações do Teatro Popular, com os Autos de Santo António, S.João e de Floripes, já consagradas através do Festival Eixpressões, que se realiza em Julho; as etnográficas, das quais destaco a Mostra Etnográfica do Eixo Atlântico e o Festival Internacional de Folclore do Alto-Minho, não nos esquecendo da arte de trabalhar a flor que se apresenta em Maio nos andores floridos e nos cestos das rosas.

Considera que pelo facto de Viana do Castelo estar a mais de 300 km de distância de Lisboa, é um inconveniente no que concerne à divulgação dos eventos que a autarquia promove?

Não sei se é o facto de estar longe de Lisboa. O que me parece é que a maioria dos meios de comunicação de âmbito nacional (com honrosas excepções), só se centram ou divulgam o que se passa em Lisboa. É sempre muito difícil convencer os jornais ou os vários canais de televisão a visitar-nos. Daí a não haver visibilidade do que se passa no resto do país é um passo.

Considera que Viana tem condições para um dia se candidatar a Capital Europeia da Cultura?
Viana do Castelo tem todos os argumentos para se candidatar a ser Capital Europeia da Cultura: património imaterial, construído, práticas de vivência cultural e, sobretudo, uma comunidade muito actuante e crítica.

O que gostaria de criar em Viana em termos culturais?
Pela sua riqueza patrimonial, pelo seu respeito pela tradição, pela sua capacidade inovadora, Viana do Castelo merece ver o seu traje reconhecido a nível mundial.

Como vereadora o que não vai deixar por fazer no seu mandato?
O bordado de Viana do Castelo está em fase de certificação, daí não querer terminar este mandato sem que esta arte fosse respeitada e reconhecida por todos. É um exemplo de uma atitude que, partindo do pelouro da Cultura, tem de atravessar as Escolas e atingir , também, todos os que nos visitam.

Qual a mensagem que gostaria de deixar?
A Cultura de um povo é um bem que todos temos o dever de preservar, seja através de uma função institucional, seja através das nossas práticas quotidianas.

mostra viana'12 Sign
arquitetura design artesanato artes

CENASIGN
FESTIVAL de ARTES PERFORMATIVAS

6 e 7 — **ANATOMIA DO PIANO**
Concepção e produção: Companhia de Música Teatral; Criação Artística: Paulo Maria Rodrigues, Pedro Ramos, Ana Guedes; Intérpretes: Paulo Rodrigues, Pedro Ramos; Co-Produção: Casa das Artes; Apoio Fernando Rosado, Pianos.
Org.: Município de Viana do Castelo
Local: Teatro Municipal Sá de Miranda
Hora: 21h30

13 e 14 — **DANZA RICERCATA. Coreografia e direcção**: Tânia Carvalho; **Interpretação ao Piano**: Joana Gama; **Música**: György Ligeti, *Música Ricercata*,11 pièces pour piano(1951-1953); **Produção**: Bomba Suicida; **Apoio**: Alkantara (Lisboa)

27 OSSOS. Direcção e coreografia: Tânia Carvalho; **Interpretação piano**: Joana Gama **Intérpretes**: Luis Guerra, Luiz Antunes e Sandra Rosado. **Música original**: Diogo Alvim **Figurinos**: Aleksandar Protic; **Caracterização**: Tânia Carvalho; **Direcção técnica som e luz**: Zeca Iglesias; **Produção e difusão**: Sofia Matos e Andreia Carneiro; **Produção**: Bomba Suicida; **Co-produção**: Cine Teatro Joaquim D'Almeida (Montijo); **Residência artística**: O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), Cine Teatro S. Pedro (Alcanena) e Teatro Viriato (Viseu). **Apoio**: Alkantara (Lisboa).
Org.: Município de Viana do Castelo
Local: Teatro Municipal Sá de Miranda
Hora: 21h30

20 e 21 — **TRÊS MULHERES EM TORNO DE UM PIANO**, texto e encenação de Castro Guedes; interpretação Lúcia Maria (gentilmente cedida pelo Teatro Nacional D. Maria II; atrizes: Isabel Francisco e Francisca Luísa)
Org.: Município de Viana do Castelo
Local: Teatro Municipal Sá de Miranda
Hora: 21h30

27 e 28 — **CANCÕES DE BRECHT, Companhia Teatro de Almada**
De Kurt Weill, Hans Eisler, Paul Dessau, Kurt Schwaen, Franz Bruinier, Theodor e Bertolt Brecht; **Intérpretes** : Luis Madureira (Voz) ; Teresa Gafeira (Voz) e Francisco Sassetti (Piano); **Versões livrem para português**: Yvette K. Centeno; Luz: José Carlos Nascimento; **Direcção de montagem**: Carlos Galvão; **Operação de Luz**: Guilherme Frazão.
Org.: Município de Viana do Castelo
Local: Teatro Municipal Sá de Miranda
Hora: 21h30

J. A. Gonçalves Guimarães
Mesário-mor da Confraria

Eça & Outras

As fitas da Queima

Nestes dias em que é suposto os estudantes universitários estarem a estudar, redundância escusada pois o que fará um estudante senão estudar, talvez possamos refletir sobre essa festarola anual que dá pelo nome de Queima das Fitas e que não diz respeito apenas aos matriculados no ensino superior, mas a toda a sociedade por vários e óbvios motivos: ela é oriunda de instituições pagas pelo Estado (ensino público) ou por ele comparticipado (ensino privado); ocupa a via pública de algumas cidades pelo menos meio dia e não deixa o cidadão dormir algumas noites quando este mora perto dos "queimódromos"; é suposto ser uma época de júbilo pelo facto de milhares de cidadãos obterem o seu certificado pré-profissional; é um ponto de convergência de alguns interesses significativos das universidades e politécnicos, de empresas, das famílias e do turismo.

Não é pois um acontecimento qualquer e quem isto escreve nem sequer o faz com o distanciamento necessário: já fui, e sempre serei, estudante universitário, mesmo depois de já ter sido professor; já tive vinte e poucos anos e sei como isso é bom; também já cometi alguns excessos de júbilo ao longo da vida. De modo que não estou a escrever qualquer diatribe contra os estudantes, os jovens, a queima ou a universidade, mas apenas a refletir, a tentar compreender e depois opinar a quem interesse, se possível com proveito. É certo que eu sou de uma geração que se interrogou sobre a Queima e o que ela representava. Quando acabei a licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no início dos anos oitenta do século passado houve duas manifestações paralelas: a "tradicional" Queima das Fitas e a contracorrente Teima das Pitas, denominação inspirada no facto de serem as colegas de Línguas as acérrimas defensoras da primeira sem tirar nem pôr. Ou seja, tínhamos consciência de que algo estava mal, que mesmo a "tradição" bebida em Coimbra e no In Illo Tempore do Trindade Coelho tinha de ser questionada, até porque o mundo não para e porque lhe estavam associadas práticas que com ela nada tinham a ver: a nível interno os privilégios e compadrios nas comissões de estudantes, associações e federações que os levavam a gastarem dinheiro público à tripa-forra com a conivência das instituições e, por outro lado, os inefáveis patrocínios das empresas de bebidas que assim distribuíam acidentes mais ou menos graves e comas alcoólicos a jovens que até aí só bebiam gasosas e mazagrãs. E, em último caso, porque achávamos que um estudante universitário devia chegar ao fim do curso com algum espírito crítico sobre as coisas que o rodeiam, sem obviamente deixar de gostar da camaradagem com os seus pares, de uma boa festança, de um fado gemido à Lua ou mesmo do trajo identificador da sua condição, o qual, tendo começado por ser branco no batismo e na comunhão solene, era agora negro para ambos os sexos, porque a sabedoria é hermafrodita.

Ao mesmo tempo interrogávamo-nos porque é que havia cursos de primeira e de segunda para a mesma área do saber: não seria melhor pôr aquilo por escalões em que se começasse por aprender o b a bá, perdão, o BÊ A BA (estamos a falar de universidades e politécnicos!) e depois, os que tivessem interesse, capacidade, dinheiro ou bolsas (estas por mérito, obviamente) lá chegariam aos mestrados e doutoramentos? Já então nos arrepiava a fatiação das licenciaturas em super-especializações logo a partir do primeiro ano, sem que o estudante conhecesse minimamente o universo da área do saber que queria aprender para exercer uma profissão. Espantava-nos que os colegas de outras faculdades quase nada soubessem sobre a evolução histórica e o enquadramento dos seus cursos no mundo, mas isso logo percebemos que era exigir aos professores erudição e capacidade pedagógica que muitos deles não tinham e também aquilo a que se chama mundividência das coisas. Sabíamos que havia excelentes entendidos na teoria do parafuso, mas que não sabiam quando ele tinha sido inventado e mesmo qual seria a sua utilidade prática no mercado do trabalho que nos esperava. E essa era outra questão que então muito nos interessava, mas que nenhum professor abordava nas aulas: obtido o "canudo" como é que íamos exercer a profissão? Quais as regras de inserção profissional? Quem definia como a exerceríamos? Estas perguntas não eram obviamente iguais em todos os cursos, mas eram transversais a todos os finalistas. Aquelas profissões que tinham "ordens" tinham a questão meia facilitada, os outros não.

Tudo isto gerava revolta e indignação nos estudantes, até porque muitos supunham que, com o "canudo" na mão, a sociedade tinha de continuar a sustentá-los, ou seja, dar-lhes emprego. Mas a preocupação ou a indignação dos estudantes nunca preocupou muito os poderes, até porque normalmente não anda articulada com os verdadeiros problemas sociais. É uma coisa só deles.

Já no seu tempo Eça de Queirós escreveu: «Os estudantes, geralmente, têm a revolta muito fácil, mas muito curta. E desde que os barulhos são feitos unicamente por estudantes, a ordem renasce de repente, quando uma madrugada eles se sentem esfalfados de tanto berro e de tanto encontrão, e recolhem-se a casa para mudar de roupa e de entusiasmo» (Cartas de Paris, Bilhetes de Paris), como se viu com a geração de Maio de 68 e a de Coimbra de 69: eles estão hoje no poder e o mundo está pior do que era porque a curteza de vistas pequeno burguesa não soube dar consistência ao sonho de um mundo realmente melhor. Eles eram realmente e só «os meninos com a China na bota e o papá na algibeira» como cantou o tonitruante Ary dos Santos, então metido com outros engarrafadores de sonhos a haver.

Passada a recente "Queima", recuperados das farras próprias de gente com vinte e poucos anos, e depois de esquecidos alguns dos equívocos culturais e sociais que estamparam nos carros do cortejo porque nenhum, ou muito poucos, dos seus professores lhes disseram para que é que efetivamente serve o parafuso que tão bem descreveram nas suas cábulas, só desejo que os finalistas acordem cedo, que lavem bem a cara, que se olhem no espelho e respondam a si próprios com verdade a estas questões: "Ouve lá ó doutor, o que é que aprendeste? O que é que sabes fazer? Para que é que serves? Quem é que te vai dar trabalho?".

Se souberam responder nem que seja só a três destas questões podem realmente queimar as fitas e então um grande éférreá para vocês, meus caros jovens colegas, e bem vindos à luta pela vida. Os outros podem continuar em frente do espelho à espera da fada madrinha da infância de onde ainda não saíram e da qual não haverá licenciatura, mestrado, doutoramento ou pós-doutoramento que os tire. E provavelmente cantarão o "quero ficar sempre estudante" de um sonho que ficará gasto no tempo.

Email
queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blospot.com
eca-e-outrasblogspot.com

Coordenação da página
queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:
Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas V.N. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telm.: 968 193 238

29.º Festival de Almada sob o espectro da crise

ISABEL FERNANDES

DR

Os cortes de 38 por cento no orçamento para a organização do Festival de Almada levou à redução do número de produções que serão apresentadas, e em alguns preços que serão praticados. Não obstante, os responsáveis pelo certame acreditam que a qualidade não foi afectada. Acredita o director da Companhia de Teatro de Almada (CTA), Joaquim Benite, e é também a convicção do director-adjunto da companhia Rodrigo Francisco, reforçada ao jornal As Artes entre As Letras numa curta conversa dias antes da apresentação do programa do Festival. Inevitavelmente, a conversa resvalou para o futuro e Rodrigo Francisco não evitou revelar preocupação, uma vez que os protocolos de financiamento firmados pelo Governo, através da Direcção-Geral das Artes, e os produtores de espectáculos terminam no fim deste ano e ainda não se conhecem (não se conheciam no momento da conversa e não é crível que a situação se tenha alterado até hoje) as condições para o futuro. O secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, garantiu que até ao final do primeiro semestre seriam tornadas públicas... A expectativa era grande: "O Festival está no limite da sobrevivência e só as parcerias tornaram possível a realização desta edição", até porque a qualidade tem que ser mantida – aspecto referido e reforçado. O director-adjunto disse mesmo que a questão do futuro deverá ser colocada a quem apoia as Artes. O certo é que "eventos destes não se organizam de um dia para o outro", significando que por lá já se trabalha na 30.ª edição, mas "sem saber com o que contar"...

A 29.ª edição do Festival de Almada realiza-se como habitualmente entre 4 e 18 de Julho, com a presença de companhias nacionais e internacionais e encenadores e actores já consagrados. E em destaque nesta edição estará Peter Stein, "um dos maiores nomes do teatro europeu, sucessor de Bertolt Brecht na defesa de uma prática teatral comprometida com a História dos homens". O encenador vem a Portugal estrear o recital que encenou e que interpreta «Fausto Fantasia», criado a partir de excertos da primeira parte da obra de Goethe, com música de Arturo Annecchino e interpretação ao piano de Giovanni Vitaletti, na Sala Principal do São Luiz Teatro Municipal, Lisboa, nos dias 9 e 10, às 21 horas. A peça será ainda apresentada no Theatro Circo, em Braga – uma das duas novas parcerias que o Festival de Almada estabeleceu este ano –, no dia 7, às 21h30.

A outra nova parceria é o Festival ao Largo, organizado pelo Teatro Nacional S. Carlos. Este ano o Festival de Almada co-apresenta espectáculos nas que são consideradas as principais salas da capital, mas também no Teatro do Bairro/Cornucópia, no Teatro da Politécnica e no auditório do Instituto Franco-Português. Em Almada, para além do Palco Grande da Escola D. António Costa, o certame decorrerá no Teatro Municipal de Almada e no Fórum Romeu Correia. Percorrerá 13 palcos.

O espectáculo de honra, que resulta da escolha do público de 2011, é a peça «Que Faire? (Le retour)» («Que fazer?»). Uma comédia com encenação de Benoît Lambert, a partir de alguns dos mais importantes textos do pensamento universal, conta com as interpretações de François Chattot e Martine Schambacher e será apresentada (em francês e legendada em português) no Palco Grande da Escola D. António da Costa, no dia 14, às 22 horas.

Mas a programação é vasta, ou não fosse o Festival de Almada "já considerado por muitos como um dos melhores da Europa", segundo Joaquim Benite, director da CTA e responsável pela organização do festival desde a primeira edição.

Personalidade homenageada

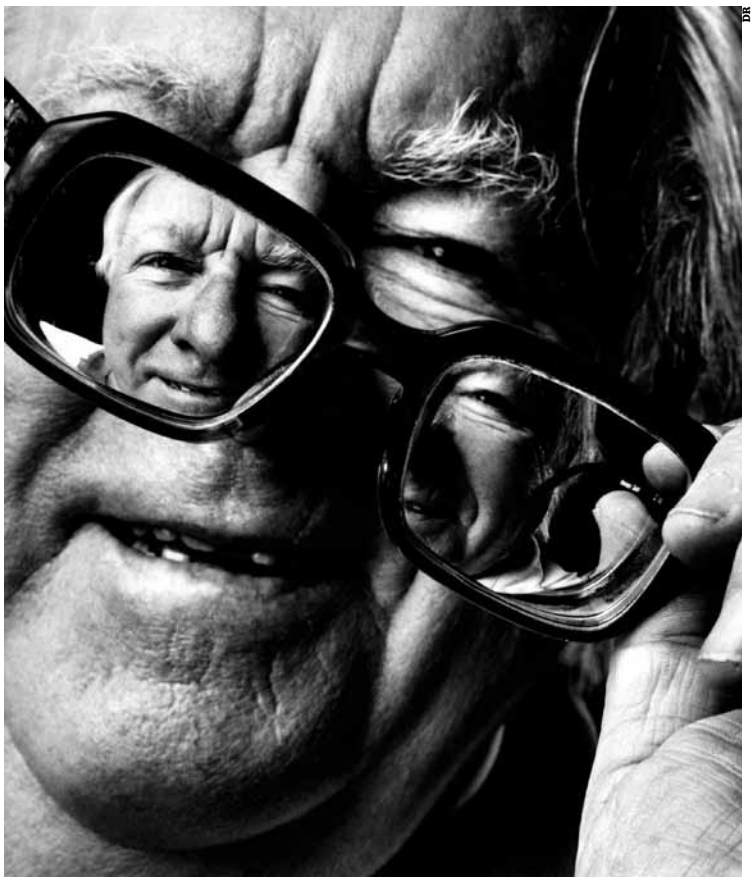
Cecília Guimarães é a personalidade homenageada desta edição do Festival de Almada, distinção que a carreira de 59 anos justifica plenamente. A presidente da Câmara de Almada, Maria Emília Neto de Sousa, enalteceu isso mesmo: "Registo uma saudação muito especial a Cecília Guimarães, um dos nomes grandes dos palcos portugueses, uma actriz justamente consagrada pela sua extraordinária carreira teatral iniciada em Lisboa em 1953, e que passou ainda pelo grande ecrã do cinema português e pela televisão". Também Rodrigo Francisco realçou o percurso da actriz que "acompanhou e percorreu grande parte do teatro português do séc. XX" e enalteceu o facto de fazer "a transição da Companhia Rey Colaço/Robles Monteiro [onde ficaria até à sua extinção em 1974] para as companhias de teatro independentes". Durante quatro anos esteve integrada na CTA e foi distinguida com o Prémio Garrett, em 1990, pelo seu desempenho em «Felicidade e erva-doce», peça de Peter Shaffer, encenada por Joaquim Benite. Rodrigo Francisco realçou "a relação muito forte [da actriz] com o Festival" e reconheceu que a distinção que este ano lhe é feita estava a ser adiada há muito.

A homenagem contempla a entrega do troféu, no dia 7, antes do espectáculo agendado – a peça trazida de Itália «Abito» («Hábito»), a partir de «O livro do desassossego», de Fernando Pessoa, numa encenação de Roberto Bacci e Anna Stigsgaard, no Palco Grande da Escola D. António da Costa, pelas 22 horas – com a presença da actriz e de algumas personalidades. O reconhecimento inclui ainda uma exposição retrospectiva de Cecília Guimarães. "Que é mais do que uma mostra da carreira da actriz, é uma mostra da história do teatro português para estudiosos nesta área", assinala Rodrigo Francisco.

O Festival de Almada é uma organização conjunta da CTA e da Câmara Municipal de Almada, realiza-se todos os anos entre 4 e 18 de Julho e é considerado o festival internacional de teatro mais importante do país, estatuto que Rodrigo Francisco garantiu não ser posto em causa apesar das limitações orçamentais a que esteve sujeito.

António Augusto Menano
escritor, pintor

Na morte de Ray Bradbury



DR

Morreu, no início de Junho de 2012, em Los Angeles, o autor do talvez mais famoso livro de "ficção científica", género que nunca alcançou estatuto literário, apesar de obras como «Crónicas Marcianas», «Fahrenheit 451» (de Bradbury), «O Outro Mundo», de Cyrano de Bergerac (Século-XVII), os livros de H. G. Wells, «A Ilha» e «Admirável Mundo Novo» de Aldous Huxley, «Relatório Minoritário» de Philip K. Dick, Júlio Verne, Isac Azimov, «Killdozer», de Thèodore Stturgeon, «Jem», de Fr. Pohl, «Neuromante», de William Gibson, «Aelita» de Alexis Tolstoi (de 1920), Arthur C. Clark, Philip José Farmer, Kurt Vonnegut, Robert A. Heinlein, J. H. Rosny, Clifford D. Simak, Fred Hoyle, Karel Kapek, Hugo Gernsbach, A. Van Vogt, etc, etc.

Ray Bradbury costumava afirmar que «Farenheit 451» não era um livro de Ficção Científica, àquela temperatura os livros inflamam-se. E será descabido recordar que em 1790 foi criado o Corpo de Bombeiros da América, cuja actividade foi a de incendiar os livros de influência inglesa nas colónias. E que o primeiro bombeiro foi Benjamin Franklin.

Como K. Amis escreveu no seu livro sobre o universo da Ficção Científica, o livro de Bradbury "...suporta a comparação com «1984», é inferior em pujança, mas superior em concisão e eficácia".

Já no conto «Usher II», Bradbury a influência de Edgar Allan Poe, o universo poético e "literário" do autor se havia manifestado, e foi amplamente divulgado em Portugal, em obras como «O Homem Ilustrado», «Os Frutos Dourados do Sol» (em tradução de Mário Henrique Leiria), «As Máquinas da Alegria» (onde inventa a expressão "efeito de borboleta"), «A Cidade Fantástica» ou «O Abismo de Chicago».

A F. C. não é um género monolítico, contém em si a tragédia, a aventura, a comédia, o drama romântico, a poesia, encontramos temas variados, a conquista do espaço e do tempo, mundos moribundos, mundos escondidos (recordemos «Viagem ao Centro da Terra» de J. Verne), mundos paralelos, cidades do futuro, ditaduras, antecipações militares, a sociedade, a moral, a utopia, a imortalidade, o fim do mundo, a mitologia, impérios galácticos, democracia e escravatura, a robótica, máquinas pensantes, raças que suplantarão o homem, e tantos outros.

Ray Brabury, que aos 12 anos escreveu uma continuação de «Warlords of Mars», de Edgar Rice Burroughs, o criador de Tarzan, e em 1992 deu o nome a um asteróide 9766, foi "mais longe" do que Plutarco, que, no ano 70 da nossa era, escreveu «De facie in orbe Lunae», ao "pensar" a vida em Marte.

Será a F. C. um género menor?

Escreveu Rubens Teixeira Scavone em 1969 no «Suplemento Literário» de «O Estado de São Paulo»: "Na escala do cósmico só o fantástico tem possibilidade de ser verdadeiro". Quem viver verá.

PUB

As artes e a crise em debate

Nos dias 4 e 5 de Julho realiza-se em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, a Conferência Johns Hopkins International Fellows in Philanthropy, dedicada ao tema «As Artes e a crise económica: uma oportunidade para o Terceiro Sector?». O objectivo é debater os desafios que enfrentam as organizações artísticas não lucrativas e procurar oportunidades para as salvaguardar e desenvolver no contexto da crise económica. A conferência é organizada pela Johns Hopkins University (Center for Civil Society Studies) e pelo Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, e conta com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação EDP.

Roteiro por 18 vitrines

Integrado no projecto «Retail Pop Up», o «Vitrine Show» consiste num roteiro de vitrines intervencionadas artisticamente, com vista à dinamização do comércio local, em Guimarães. São 18 vitrines que podem ser vistas até 30 de Junho. A 'ocupação' dos espaços comerciais faz parte de um conjunto de iniciativas que visam revitalizar a cidade e em que se inclui o «Couros Pop Up» – projecto de intervenção artística na zona histórica de Couros, que decorre entre 24 de Junho e 1 de Julho.

Encontro de Museus do Douro

Na sequência de edições anteriores e dando cumprimento à missão do Museu, o II Encontro de Museus do Douro pretende reunir museus, estruturas de cariz museológico e municípios da Região Demarcada do Douro para um encontro de reflexão e debate sobre a realidade museológica e patrimonial desta região. O tema escolhido é a sociedade do conhecimento e a partilha de informação entre as diferentes entidades culturais da Região, tendo por base a apresentação pública das bases de dados disponíveis no sítio do Museu. O encontro realiza-se no dia 9 de Julho, no Wine Bar do Museu do Douro, com a recepção aos participantes marcada para as 14h30. A abertura dos trabalhos será feita pelo diretor do Museu, fernando Seara. A entrada é livre, mediante inscrição prévia.

Vagas de estágios no Pejene

A 20.ª edição do Programa de Estágios para Jovens Estudantes do Ensino Superior em Empresas (Pejene) conta ainda com vagas por preencher, sendo Viseu o distrito com mais ofertas ainda disponíveis. Com duração mínima de dois meses e máxima de três, os estágios decorrem entre Julho e Setembro, destinando-se a jovens finalistas ou pré-finalistas da licenciatura, mestrado ou mestrado integrado. Os interessados podem aceder às vagas e preencher o formulário de candidatura em http://www.fjuventude.pt/pejene2012/.

Camilo por Bento da Cruz

«Camilo Castelo Branco por Terras de Barroso e Outros Lugares» é o título do novo livro de Bento da Cruz, que, com meio século de vida literária, se dedica neste livro a duas das suas paixões: Camilo Castelo Branco (que publicou há 150 anos o emblemático romance «Amor de Perdição») e as terras de Barroso. A autenticidade dos textos sobre esta região esquecida da civilização, encastrada em mais de 70 quilómetros de fronteira com a Galiza, a norte, e bordejada a sul pelo rio Tâmega, é criteriosamente analisada e acompanhada de uma antologia.

Pedalar pelas línguas e culturas

O francês Emmanuel Le Merlus, originário da região da Bretanha (França), iniciou, há cerca de dois anos, uma volta à Europa, para promover a diversidade linguística e chamar a atenção para a importância das línguas e culturas, nomeadamente as chamadas minoritárias. Este périplo, iniciado em Maio de 2010, inclui a travessia de 28 países, pretendendo também dar a conhecer a realidade linguística da Bretanha e estabelecendo, se possível, projetos de intercâmbio. Uma das passagens é Miranda do Douro.

Sassetti lembrado em Serralves

Em 2012, o Jazz volta ao Parque de Serralves nos dias 7, 14 e 21 de Julho, sempre às 18h. Este ano subirão ao palco do Ténis do Parque de Serralves uma orquestra nacional, a LUME – Lisbon Underground Music Ensemble e dois colectivos dos Estados Unidos: o quarteto do saxofonista Marty Ehrlich e o trio BassDrumBone. A 21.ª edição do Jazz no Parque vai homenagear, com uma mesa-redonda (no dia 14, às 15 horas) e um concerto (a 15, pelas 18 horas) Bernardo Sassetti, músico recentemente desaparecido. No dia 17 de Julho, é apresentado o novo grupo de Marty Ehrlich que apresenta a sua primeira gravação «Frog Leg Logic», projecto inédito em palcos portugueses. No sábado seguinte, 14 de Julho, a Orquesta LUME dirigida pelo compositor e pianista Marco Barroso, faz a sua estreia na cidade do Porto. O encerramento da 21.ª edição do Jazz no Parque tem lugar no dia 21 com o trio BassDrumBone que regressa a Portugal para festejar em Serralves os seus 35 anos.

Serões de Julho

O Ciclo de História dos Serões da Bonjóia, com Joel Cleto a falar de «O Cerco do Porto e as suas lendas», é a primeira tertúlia à moda do Porto do mês de Julho, no dia 5. A 12, integrado no Ciclo do Património, terá lugar a tertúlia à volta de «O Porto de Agostinho Rebelo da Costa aos nossos dias», por Maria José Trigueiros e Rui Cunha. Capella Duriensis abordará «Cânticos Anglicanos e Polifonia Portuguesa», no dia 19, no Ciclo das Artes. A última sessão, na Quinta da Bonjóia, às quintas-feiras, pelas 21h15, integra-se no Ciclo do Desporto com César Santos Silva que abordará «Portugal e os Jogos Olímpicos – Atletismo», no dia 26.

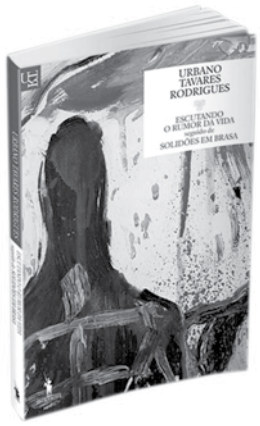
OLD Norte

O Porto foi a cidade escolhida para receber a primeira delegação do Observatório dos Luso-Descendentes (OLD Norte), que para já não tem ainda um espaço físico, mas um contacto electrónico (norte@old.pt). No dia da apresentação, a presidente do Observatório dos Luso-Descendentes, Emmanuelle Afonso, salientou a importância de atrair multinacionais para o norte de país de modo a potenciar o conhecimento e formação dos Luso-Descendentes. Presente no encontro, o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário, aproveitou para distinguir a importância do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelo OLD, no sentido de permitir atingir as camadas mais jovens da população e estreitar os laços entre os portugueses que se encontram no estrangeiro e os que permanecem no país. Durante a apresentação da OLD Norte, José Cesário destacou a necessidade de aumentar a colaboração do governo com o OLD de modo a desenvolver redes de contacto e projetos.

Um livro, duas histórias

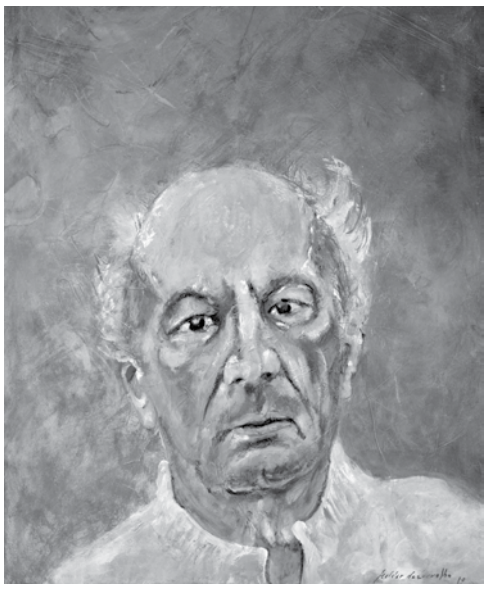
«Escutando o Rumor da Vida seguido de Solidões em Brasa» é a mais recente obra de Urbano Tavares Rodrigues. Um livro, duas novelas... daquele que "não é apenas o grande escritor do Alentejo, das suas gentes e das suas paisagens, é também o romancista e o contista de Lisboa e de outras atmosferas cosmopolitas que, como jornalista e professor universitário, bem conheceu, viajando por todo o mundo", como se lê na informação sobre o autor constante no livro. E sobre o livro lê-se: "«Escutando o Rumor da Vida», como o próprio título o diz, é uma tentativa de visão global do mundo em que vivemos, mas inteiramente diferente das obras convencionais realistas e naturalistas. Bem pelo contrário, aqui reinam a excentricidade, a loucura, o humor e até o absurdo tornado real, desde a conversão do belo tenebroso Olímpio no herói da generosidade e do amor, à excentricidade erótica de Teresa Cordovil...

Já na novela «Solidões em Brasa» pode parecer mais natural a inquietação de Vítor Córdova, que procura no amor e no sexo, na viagem e nos seus pequenos delírios um sentido para a vida, que afinal não encontra, bem como Maria Lucília Rodrigues, pintora que acaba por se suicidar, desesperando de achar a harmonia, a verdade que perseguiu.»



Albano Martins homenageado

Por iniciativa do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã, o poeta Albano Martins foi homenageado, no passado dia 12 de Junho, com uma sessão dedicada à sua obra. O poeta foi apresentado pelo escritor Manuel da Silva Ramos, que, ao traçar o seu perfil humano e literário, salientou o facto de, sendo natural da Beira Baixa, Albano Martins mostrar, na sua obra, um visível apego às raízes. A sessão, na qual participaram elementos do grupo folclórico da freguesia do Refúgio, terminou com a leitura de alguns poemas por parte do apresentador e do autor.



«A Menina Marieta»

O romance «A Menina Marieta», de Amparo Monteiro, é apresentado amanhã (28 de Junho), no Jardim-Escola João de Deus, em São Bartolomeu de Messines (Silves), por Gabriela Rocha Martins. Promovida pela Casa Museu João de Deus, em parceria com o Jardim-Escola João de Deus, a iniciativa tem início às 21 horas. O livro – o primeiro romance publicado da autora – conta a história de Marieta, uma jovem apaixonada pelo mar, e dos encontros e desencontros do amor que Tito nutre por ela.

Morreu Raul Nery

O guitarrista Raul Nery morreu na madrugada de 14 de Junho na sua residência em Lisboa. Tinha 91 anos. "Raul Nery foi um notável executante da guitarra portuguesa, uma personalidade que acompanhou figuras e momentos determinantes da história do fado e alguém cujo desaparecimento não pode ficar esquecido numa nota de rodapé, nesta altura em que o fado foi elevado a Património Imaterial da Humanidade", afirma num comunicado o secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, considerando-o uma figura de referência e a quem o fado muito deve daquilo que é hoje.

No passado 10 de Junho o guitarrista português tinha sido condecorado pelo Presidente da República com a Ordem de Mérito, grau comendador. Em 2010 foi-lhe atribuída a Medalha da Cidade de Lisboa, grau ouro, e em 2005 Raul Nery recebeu o Prémio Amália Rodrigues Carreira.

Raul Nery fundou em 1959 o primeiro conjunto de guitarras de fado, constituído por si, por José Fontes Rocha, Júlio Gomes e Joel Pina. Como instrumentista acompanhou todos os nomes de referência no fado até à década de 1980, entre eles, Amália Rodrigues, Hermínia Silva, Maria Teresa de Noronha, Berta Cardoso, Fernando Farinha, Tristão da Silva, Tereza Tarouca, Tony de Matos e Alfredo Marceneiro.

Foi por influência de um tio que Raul Nery começou por tocar bandolim e a ter lições de guitarra ainda em criança. Com apenas 9 anos estreou-se em público, no teatro de São Luiz, em Lisboa, a tocar guitarra e, em 1933, já era considerado um "jovem e prodigioso guitarrista" num programa que anunciava um espetáculo ao lado de Alfredo Gomes de Azevedo (viola) e de Ercília Costa.

Prémio Nuno Viegas Nascimento

Estão abertas as candidaturas para o Prémio Nuno Viegas Nascimento, até ao dia 13 de Julho. Este prémio é atribuído anualmente e visa distinguir uma pessoa ou uma instituição que se tenha destacado pela sua acção ou pelo seu conhecimento em alguma das diferentes áreas de intervenção da Fundação. Este ano, o concurso destina-se a iniciativas culturais que reforcem os atributos identitários nacionais, valorizando o património material ou imaterial; ou a manifestações de criatividade cujos resultados tenham tido reflexos no desempenho socioeconómico português ou na notoriedade internacional contemporânea de Portugal.

A olaria de Bisalhães

Cesário da Rocha Martins, um dos três septuagenários oleiros que restam na actividade da olaria negra de Bisalhães, estará disponível no espaço da Traga-Mundos, Vila Real, para falar da sua actividade e partilhar alguns dos episódios da sua riquíssima história de vida. Também estará presente a sua roda de oleiro, para exemplificar como nascem algumas das suas peças de arte tradicional. O encontro acontece hoje, às 21 horas, na véspera da tradicional Feira de São Pedro, o mais carismático dos festejos de Santos Populares da cidade de Vila Real. A Traga-Mundos – livros e vinhos, coisas e loisas do Douro disponibiliza, desde a abertura, algumas peças moldadas por Cesário da Rocha Martins, cujos desenhos são traçados pela sua mulher, Adurinda Martins Cigre.

O lobo e os sete cabritinhos

A história da mãe cabra, dos seus sete filhotes e do lobo mau vai ganhar vida no sábado (30 de Junho) na Livraria Almedina Arrábida Shopping, Porto. Os alunos do Balleteatro do Porto vão contar a história da cabra que vai fazer compras à mercearia e deixa os cabritinhos sozinhos em casa com a recomendação de não abrirem a porta a ninguém. No entanto, o lobo mau entra na história e tenta enganar os cabritinhos... A entrada é livre para mais um «Arrábida Conta um Conto», iniciativa que se realiza todos os últimos sábados de cada mês, até Julho, sempre às 11 horas, e organizada pela Livraria Almedina, pelo Balleteatro do Porto e pela Ideias Concertadas.

Sarcasmo e humor em Lisboa

Inspirado num conceito original, o espectáculo «The Tiger Lillies Freakshow» estreia no dia 5 de Julho, às 21h30, no Auditório dos Oceanos do Casino Lisboa. O sarcasmo e humor certeiro, combinado com uma apurada estética e sensibilidade artística, constituem o ponto de partida para uma viagem a um universo paralelo que desafia as próprias crenças e tabus dos espectadores. «The Tiger Lillies Freakshow» é um espectáculo sem limites, controverso, pleno de simbolismo e histórias de criaturas que ganham vida para nos desafiar a descobrir novos mundos. As actuações, até ao dia 15, decorrem de terça-feira a sábado às 21h30.

«Soirée» no Casino Estoril

O espectáculo «Soirée» pela dupla de bailarinas 'A Pompadourette' ainda tem exibições agendadas no Lounge D do Casino Estoril, amanhã, sexta e sábado. Com três exibições, por noite, «Soirée» inicia-se às 22h30, à meia-noite e à uma hora da madrugada. O espectáculo está integrado no novo programa de animação «Emoções nocturnas - As noites são diferentes no Casino Estoril». A entrada é livre. Num enquadramento revivalista, o espectáculo é protagonizado por 'A Pompadourette', que se distinguem pelas suas originais coreografias, que combinam a dança do varão com ritmos contemporâneos, não esquecendo a sensualidade da época burlesca e das Pin-Ups.

A memória da Guerra Colonial

A terceira sessão de «O Segundo Século Vinte» é dedicada à discussão da Guerra Colonial. «Ir à Guerra. Memória e Pós-Memória da Guerra Colonial» é o tema para a conversa dos investigadores Margarida Calafate Ribeiro e Bruno Sena Martins, moderada por João Figueira, que decorre amanhã (28 de Junho), às 18 horas, no Café Teatro do TAGV, Coimbra. «O Segundo Século Vinte» é um ciclo de debates e exposições relacionado com temas da História recente de Portugal, organizado pelo Centro de Documentação 25 de Abril e do Teatro Académico de Gil Vicente, com o apoio da Ideias Concertadas. A entrada é livre.

Poesia de Cidália Correia

«Eu Poema, Tu Poema, Nós Somos» é o mais recente livro de Cidália Correia, o 12.º. «Eu sou / Tu és / Nós somos / Um poema por declamar / Em nós / Nasce o poema / Tu nasces / Em ti eu sou o poema». Foi apresentado no passado sábado e vem com uma espécie de aviso na contra capa: "Lê com os lhos da alma palavras que escrevem poemas de nós".

Prémio Bissaya Barreto

O escritor angolano Ondjaki recebeu o Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância 2012. A distinção, à qual está associado um prémio monetário de cinco mil euros, foi atribuída ao autor pelo livro «A bicicleta que tinha bigodes», editado em 2011. A sessão de entrega do prémio teve lugar na sede da Fundação Bissaya Barreto, em Bencanta (Coimbra). De recordar que a decisão do júri – formado por Isabel Alçada, Rui Veloso e Lúcia Santos – foi unânime, e que a obra de Ondjaki competia com mais de 260 obras, de 48 editoras. O Prémio Bissaya Barreto é bienal, sendo promovido pela Fundação com o mesmo nome desde 2008, cumprindo o duplo objectivo de contribuir para a valorização e promoção da literatura de qualidade destinada à infância e para a valorização da dimensão estética do livro.

Viana ganha Prémio Inova!

A Câmara Municipal de Viana do Castelo recebeu o Prémio Inova! na classe Município. O prémio foi atribuído numa sessão em Lisboa sob o tema «Inova – jovens criativos, Empreendedores para o século XXI». A Câmara Municipal, o Instituto Politécnico de Viana do Castelo e a Coopdes com as quatro freguesias do concelho assinaram os protocolos para colocar em prática o projecto «Geraz Com Querença», que visa dinamizar as freguesias rurais de Deão, Moreira de Geraz do Lima, Santa Maria de Geraz do Lima e Santa Leocádia de Geraz do Lima.

Venda de artesanato

O Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Coimbra promove, até 12 de Julho, uma exposição/venda de artesanato, sob temáticas alusivas aos Santos Populares – Santo António, S. João e S. Pedro – e à Rainha Santa Isabel, no antigo Posto de Turismo (Mercado Municipal D. Pedro V). A exposição/venda tem como primordial objetivo divulgar o trabalho desenvolvido pelos artesãos portugueses em matéria de arte popular.

Visitas à Rainha Santa Isabel

No âmbito das festas da cidade de Coimbra e da Rainha Santa Isabel 2012, realiza-se sexta-feira (29 de Junho), pelas 17 horas, uma visita guiada ao Mosteiro de Santa Clara-A-Velha (Mosteiro fundado pela Rainha Santa Isabel e onde escolheu ser sepultada). A 6 de Julho, às 15 horas, a visita é ao Mosteiro de Santa Cruz (a imagem da Rainha Santa Isabel fica na Igreja do Mosteiro, após a procissão de penitência do dia 5 de Julho).

«Contos de Amor e Desamor»

A Academia de Letras e Artes (ALA) acolhe amanhã (28 de Junho) a cerimónia de lançamento de «Contos de Amor e Desamor», de Paula Teixeira de Queiroz, pelas 19 horas (na sede da ALA, no Monte Estoril).

Eduardo Palaio

«Caixa Baixa» premiada

O escritor Eduardo Palaio é o vencedor do Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco, com a obra «Caixa Baixa», instituído pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão em conjunto com a Associação Portuguesa de Escritores. O prémio (de 7.500 euros) foi atribuído por unanimidade por uma obra que foi editada em 2011 e que já tinha valido ao escritor o Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca de 2010. «Caixa Baixa» reúne cinco contos históricos de Eduardo Palaio, escritor e artista plástico nascido em Sintra em 1942. O Grande Prémio do Conto destina-se a galardoar anualmente uma obra em língua portuguesa de um autor português ou de um país da lusofonia.

Património Cultural em Foz Côa

Realizam-se, no dia 11 de Julho, as Jornadas do Património Cultural no Museu do Côa (Vila Nova de Foz Côa). O evento, com início às 9h30, é composto por um vasto programa. Tem início com o que os responsáveis denominam por 'Encontro Social' e é composto por visitas aos núcleos de gravuras do Parque Arqueológico do Vale do Côa Canada do Inferno e por um passeio de barco no rio Douro. (Parte do programa sujeita a confirmação e inscrição prévias www.ccdr-n.pt/jornadasdouro). Para a tarde, a partir 14h30, está reservado o 'Encontro Cultural'. A sessão de abertura estará a cargo de Gustavo Duarte, presidente de Vila Nova de Foz Côa, de Fernando Real, director da Fundação Côa Parque, de Duarte Vieira, presidente da CCDRN, e de Célia Ramos, chefe de projeto da Estrutura de Missão do Douro. Segue-se a mesa redonda sob o tema «Património e Património Mundial», na qual participará Rui Loza para abordar o «Património Mundial, um bem cultural e um activo também económico», Ana Catarina Sousa, falará de «O Património Mundial Nacional: da lista indicativa à lista WH Unesco». «O caso da Rota do Património Mundial do Vale do Douro» será abordado por José Luís Prada, Mónica Goulart debruçar-se-á sobre «A Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico» e Filinto Girão falará sobre «O caso da Rede VITOUR de Paisagens Vinhateiras Europeias Património Mundial». A moderação estará a cargo do director do Museu do Douro, Fernando Seara. O programa contempla ainda uma visita guiada à exposição de fotografia das paisagens da Rede VITOUR Landscape de Paisagens Vinhateiras Europeias Património Mundial.

Edge em Famalicão

Nos dias 6 e 7 de Julho, pelas 21h30, o Grande Auditório da Casa das Artes de Famalicão recebe a Companhia de Dança Contemporânea de Londres – Edge, pelo décimo ano consecutivo. A convite da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e da Escola de Dança Alemdadança, a Edge apresenta dois espetáculos únicos em Portugal. Neste contexto, serão organizados workshops com a companhia inglesa, entre 2 e 8 Julho, das 15 às 18 horas, para participantes entre os 11 e os 25 anos. As inscrições encontram-se abertas até ao dia 30 de Junho (e os participantes dos workshops têm um bilhete de oferta para um dos espetáculos do Edge). No final, 8 de Julho, às 18 horas, será apresentado ao público, juntamente com a companhia inglesa, o resultado dos workshops no Grande Auditório.

Estreias no Coliseu do Porto

A Companhia Nacional de Bailado está de regresso ao Coliseu do Porto, num espectáculo que se apresenta com duas obras: «La Valse», com música de Maurice Ravel, uma curta-metragem em estreia absoluta de João Botelho com coreografia de Paulo Ribeiro e a participação dos bailarinos da Companhia Nacional de Bailado, e «A Sagração da Primavera» de Stravinsky, numa coreografia de Olga Roriz. O espectáculo de dança será exibido no dia 6 de Julho, às 21h30. A 25 de Julho, o Coliseu do Porto acolhe outra estreia: Bon Iver. A banda indie folk norte-americana com dois álbuns editados entra em palco às 21 horas.

Concertos na Serra do Pilar

Luís Represas & João Gil, a 29 de Junho, e os Echo & The Bunnymen, a 30, são os primeiros a integrar o cartaz de «Concertos de Verão - Serra do Pilar», que se completam com Rui Veloso, no dia 6 de Julho, e os Manfred Mann no dia 7. Os concertos realizam-se às 22 horas, na Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia.

Férias de Verão em Gondomar

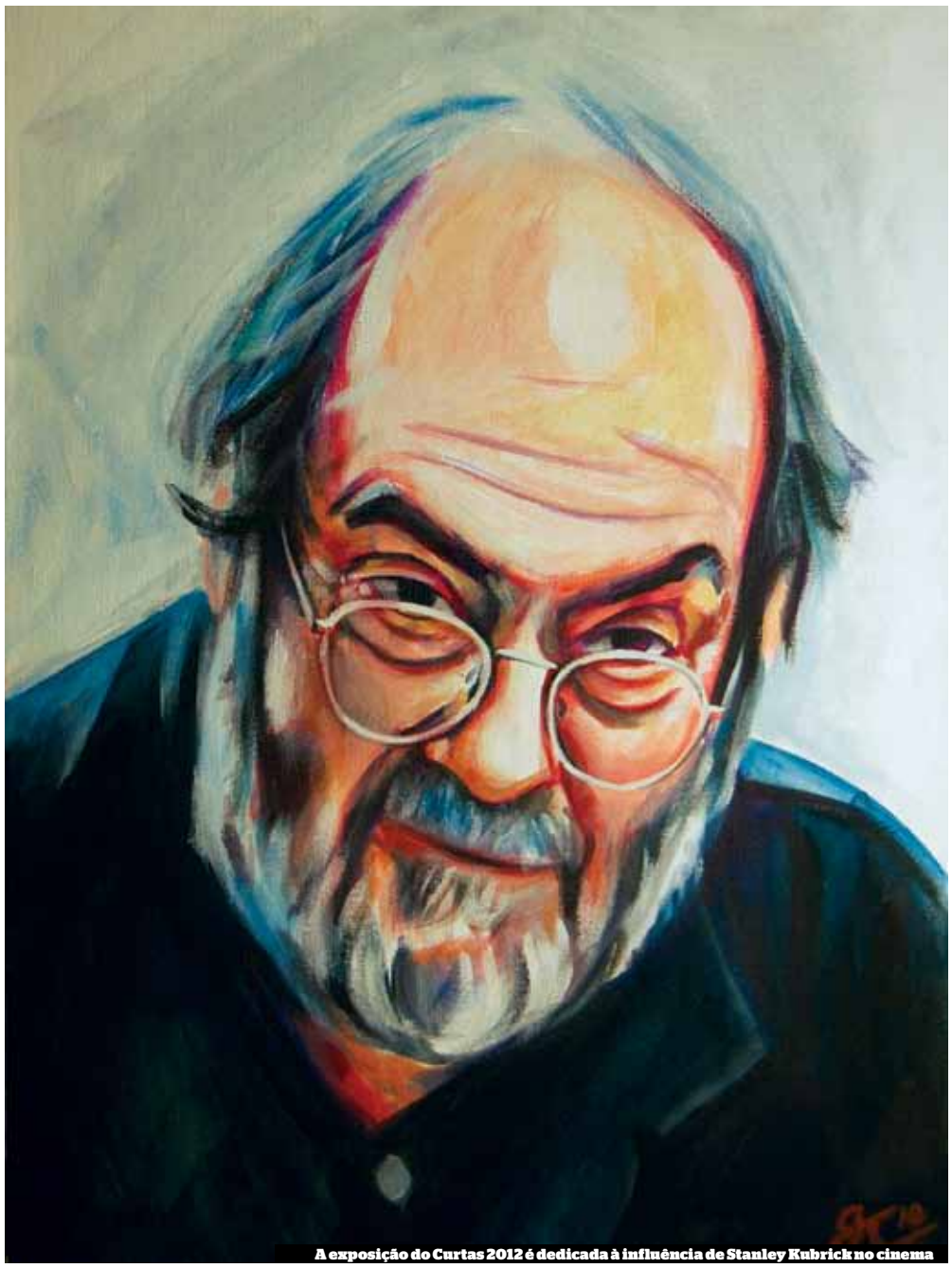
Cultura, desporto, formação ou passeios são algumas das propostas da Câmara de Gondomar para as férias de Verão de crianças e jovens. Na área educativa, as propostas repartem-se por distintos workshops, oficinas de formação e ateliês. Mas também escalada, canoagem, slide, capoeira, no que concerne a oferta desportiva. Mas os passeios e as visitas também fazem parte das propostas, assim como um passeio de barco, idas à praia, piscinas ou parques aquáticos. Visitas a museus, teatro, cinema, insufláveis e trabalho de voluntariado são iniciativas para destinatários diferenciados, até 10 de Agosto.

Encontro de jovens músicos

Estão abertas as inscrições para o 1.º Encontro Nacional de Jovens Músicos, a realizar-se entre 23 e 27 de Julho, em Vieira do Minho, até ao dia 30 (www.enjmusicos.com). O evento – organizado por Nélson Barbosa, Tiago Rebelo e Alexandra Ferreira e apoiado pela Câmara Municipal – é composto por ensaios de naipe, workshops, ensaios gerais, actividades lúdicas múltiplas (piscinas, passeio à serra da cabreira, teleski) e concertos abertos a todo o público. Os dias 26 e 27 de Julho serão dedicados aos concertos finais.

Festival de música de Gaia

Está a decorrer o 19.º Festival Internacional de Música de Gaia. Até 28 de Julho, concertos sinfónicos, concertos instrumentais, recitais de canto, música de câmara, tribuna de jovens intérpretes são as propostas deste certame com quase duas décadas.


A exposição do Curtas 2012 é dedicada à influência de Stanley Kubrick no cinema

20 anos do Curtas com eventos especiais

A edição de 2012 do Curtas Vila do Conde marca o 20.º aniversário do Festival Internacional de Cinema. A Exposição «2012 Odisseia Kubrick», a retrospectiva «In Focus» (Olivier Assayas e Robert Todde) e os filmes da secção «Da Curta à Longa» são algumas das actividades desta edição, que decorre de 7 a 15 de Julho, em Vila do Conde, e que integra as secções Internacional, Nacional, Experimental, Vídeos Musicais, Take One! (filmes de escola) e Curtinhas (filmes para crianças). "Teremos quantidade e qualidade, sendo que a apresentação de filmes portugueses vai rondar as 70 películas. Vila do Conde será o epicentro português da reflexão em torno do cinema e do audiovisual", referiu o organizador Mário Micaelo, durante a apresentação do Festival.

Para celebrar esta data redonda, a organização do Curtas preparou vários eventos especiais. Destaque para «4 Filmes x 4 Realizadores», quatro curtas-metragens realizadas por quatro realizadores relevantes no panorama contemporâneo: Thom Andersen (sobre a arquitectura de Eduardo Souto Moura), Helvécio Marins Jr. (no bairro das Fontainhas, no Porto), Sergei Loznitsa (um documentário no Norte de Portugal) e Yann Gonzalez (uma ficção centrada em Vila do Conde).

O primeiro dia do festival apresenta ainda três eventos especiais: uma exposição de fotografia, no Teatro Municipal, que explora o vasto arquivo fotográfico dos últimos 20 anos, mostrando muitos dos autores que estiveram em Vila do Conde; a apresentação de um livro editado para este aniversário, que inclui 20 entrevistas a autores do festival, assim como textos de reflexão; e a projecção do documentário «Gerações Curtas!?» (18h30, Sala Dois), de José Vieira Mendes.

O 20.º Curtas Vila do Conde vai ser também a edição mais forte para a produção nacional, atingindo um recorde absoluto, com cinco sessões competitivas e 19 filmes a concurso. Para além disso, serão apresentados, em panorama, filmes produzidos na Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura e quatro filmes produzidos no âmbito do projecto Campus/Estaleiro e realizados por João Canijo, Graça Castanheira, Luís Alves de Matos e Pedro Flores. A organização destaca a película «Obrigação», de João Canijo, que dá a conhecer as mulheres das Caxinas, uma comunidade piscatória de Vila do Conde. "É um documentário que nunca havia sido feito e que vai deixar marcas na cidade".

Na Competição Internacional, estruturado em três categorias – ficção, documentário e animação –, o festival apresenta o regresso de vários autores, como Nicolas Provost, Eija-Liisa Ahtila, Christoph Girardet e Mattias Müller, Ben Rivers, Sergio Oksman ou Tzu Nyen Ho.

Já a exposição cinemática é dedicada este ano à influência de Stanley Kubrick no cinema. «2012 Odisseia Kubrick» vai estar patente no Solar – Galeria de Arte Cinemática e Centro de Memória – de 29 de Junho a 11 de Novembro. A exposição "é uma celebração do génio do cineasta e do lastro da influência das suas obras", afirma a organização. Vão estar patentes ao público obras de Graham Gussin, Johan Thurfjell, Nicolas Provost, e dos portugueses Pedro Tudela, Miguel Soares, Alexandre Estrela, João Tabarra e João Onofre. A acompanhar esta exposição, haverá um programa paralelo que exibirá alguns dos filmes mais populares de Stanley Kubrick, como «The Shining» ou «A Laranja Mecânica», e o documentário «Stanley Kubrick – A Life in Pictures». Na competição Stereo, estão programados três filmes-concerto. Os portugueses Black Bombaim apresentarão o espectáculo «Titans, a Cinematic Experience», que surge também em consequência das actividades do Estaleiro; a banda Evols vai apresentar um exercício de sonoridades baseado no trio de guitarras eléctricas para uma série de curtas seleccionadas pelos próprios entre a vasta obra cinematográfica de Robert Todd, um dos autores In Focus; e a apresentação da performance inédita do colectivo Metamkine, que trabalham dispositivos analógicos de projecção de luz e som.

Esta 20.ª edição do Curtas ficou orçada em cerca de 470 mil euros e recebeu mais de três mil curtas para concurso, sendo que 206 eram portuguesas.

9 771647 290000 00077

Devagar se vai longe.

Comece a poupar desde € 25/mês.

Com o BPI poupar é mais fácil.

A partir de € 25 por mês, crie o seu plano de poupança e escolha com total flexibilidade o montante, o prazo e o produto mais indicado para si. As condições do seu plano podem ser alteradas sempre que quiser.

Poupe, pouco a pouco, e verá como devagar se vai longe. Faça uma simulação em www.bancobpi.pt e veja as vantagens de poupar gradualmente.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).